



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

CALENDÁRIO DE
QUARESMA 2022




A vocação deles também é nossa

CAMPANHA DE ORAÇÃO
PELOS SEMINARISTAS DE TODO O MUNDO

FUNDAÇÃO
PONTIFÍCIA





“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe.”

(Lc 10, 2)

Fundação AIS

Rua Prof. Orlando Ribeiro, 5D, 1600-796 Lisboa

Tel. 217 544 000 - info@fundacao-ais.pt

Edição e redacção: María Lozano

Assistente de edição: Carlos Rosas

Design e layout: Maleny Medina

Adaptação para a edição portuguesa: JSDesign e Fundação AIS (ACN Portugal)

Fotografia da capa: Ismael Martínez Sánchez

Fotografias: © Fundação AIS

Índice

2 de Março – Quarta-feira de Cinzas, Ucrânia	06	28 de Março – Segunda-feira, Nicarágua	38
3 de Março – Quinta-feira, Brasil	07	29 de Março - Terça-feira, R.D. Congo	39
4 de Março – Sexta-feira, Nicarágua	08	30 de Março - Quarta-feira, Ucrânia	40
5 de Março – Sábado, Peru	09	31 de Março - Quinta-feira, Líbano	41
6 de Março – Domingo, I Semana da Quaresma, Nigéria	10	1 de Abril - Sexta-feira, Madagáscar	42
7 de Março – Segunda-feira, Cazaquistão	12	2 de Abril – Sábado, Nigéria	43
8 de Março - Terça-feira, Bangladeche	13	3 de Abril – Domingo, V Semana da Quaresma, Argentina	45
9 de Março - Quarta-feira, Bósnia-Herzegovina	14	4 de Abril – Segunda-feira, Cuba	47
10 de Março - Quinta-feira, R.D. Congo	15	5 de Abril - Terça-feira, Nigéria	48
11 de Março - Sexta-feira, Líbano	16	6 de Abril - Quarta-feira, Síria	49
12 de Março – Sábado, Cuba	17	7 de Abril - Quinta-feira, Brasil	50
13 de Março – Domingo, II Semana da Quaresma, Camarões	18	8 de Abril - Sexta-feira, R.D. Congo	51
14 de Março – Segunda-feira, Brasil	20	9 de Abril – Sábado, Indonésia	52
15 de Março - Terça-feira, Peru	21	10 de Abril – Domingo de Ramos, EUA	54
16 de Março - Quarta-feira, Nicarágua	22	11 de Abril – Segunda-feira Santa, Venezuela	55
17 de Março - Quinta-feira, Madagáscar	23	12 de Abril - Terça-feira Santa, Líbano	57
18 de Março - Sexta-feira, R.D. Congo	26	13 de Abril - Quarta-feira Santa, Sudão do Sul	58
19 de Março – Sábado, Haiti	27	14 de Abril - Quinta-feira Santa, Burquina Fasso	59
20 de Março – Domingo, III Semana da Quaresma, Burundi	28	15 de Abril - Sexta-feira Santa, Albânia	60
21 de Março – Segunda-feira, Uganda	30	16 de Abril – Sábado Santo, Cazaquistão	61
22 de Março - Terça-feira, Tanzânia	31	17 de Abril – Domingo de Páscoa, Polónia	62
23 de Março - Quarta-feira, Maláui	32		
24 de Março - Quinta-feira, R.D. Congo	33		
25 de Março - Sexta-feira, Líbano	34		
26 de Março – Sábado, Peru	35		
27 de Março – Domingo, IV Semana da Quaresma, Espanha	36		



Introdução

Caros amigos,

A Fundação pontifícia internacional Ajuda à Igreja que Sofre (Fundação AIS) quer colocar os seminaristas, jovens aspirantes ao sacerdócio, na ribalta da Quaresma de 2022. Para o efeito, recolheu 46 testemunhos de seminaristas de mais de 25 países neste calendário. São jovens audazes e corajosos que tomaram uma decisão arriscada, incompreensível para muitos: deixar tudo e seguir radicalmente as pegadas de Cristo. Vão contra a maré, desafiando uma sociedade cada vez mais materialista, relativista e individualista. Em muitos casos também encontram dificuldades a nível familiar, incompreensão por parte dos amigos... Eles deixaram o seu trabalho e o seu bem-estar para começar do zero. Por vezes, sentem a solidão do “deixa tudo e segue-Me”.

Como nos dizem no seu testemunho, fazem-no movidos pelo desejo de anunciar a Boa Nova ao mundo, de ser um canal de Graça, e de trazer paz e justiça ao seu povo - a um povo que sofre frequentemente as feridas da guerra, da violência, da perseguição, da pobreza ou do esquecimento. Fazem-no movidos por um apelo, seguindo uma “vocação”, um apelo divino, único e irrepetível. Convencidos de que só Deus basta.

Muitos deles perguntam-se: Posso realmente mudar alguma coisa? Devo desistir? Apesar das suas dúvidas, querem proclamar o reino de Deus de paz, justiça e amor. O seminário é um lugar de formação, de discernimento da vocação, de aprofundamento. “Estou no caminho que o Senhor traçou para mim?” perguntam a si próprios. Eles confiam em Deus.

E confiam no nosso apoio e na nossa oração, porque este caminho e este convite de Cristo é também dirigido a todos nós, fiéis e leigos. Cristo pede-nos que “rezemos ao Senhor da colheita para enviar operários para a sua colheita” (Mt 9,38). O seu apelo também é o nosso apelo. Como apoiamos a formação de seminaristas? Como os apoiamos com a nossa oração? Como lhes agradecemos pela sua audácia e coragem? Será que rezamos para que sejam testemunhas fiéis de Cristo?

É por isso que a proposta da Fundação AIS para esta Quaresma - movida pelo testemunho directo, simples e próximo de cada um destes jovens – é rezar todos os dias pelos seminaristas de todo o mundo. Fala-se de uma crise vocacional, de falta de sacerdotes, mas as histórias aqui apresentadas - da Venezuela, Cuba, Nicarágua, Bangladeche, Líbano, Peru, Uganda, Maláui, Congo, Sudão do Sul, entre outros - são exemplos dos mais de 100 mil jovens que estão actualmente a estudar e a formar-se nalgum seminário do mundo.

Para além dos 40 testemunhos de seminaristas em formação, os Domingos são dedicados a recordar os seminaristas que deram a sua vida em situações excepcionais. Como Michael Nnadi da Nigéria, morto em 2020, ou Gerard Anjiangwe executado nos Camarões em 2018, mas também seminaristas mártires como os do Burundi ou de Espanha, testemunhos impressionantes de dedicação e amor por Cristo e pela Igreja. O último testemunho, no dia de Páscoa, coincide com o testemunho de Michel Los, um seminarista polaco doente terminal com cancro, que foi ordenado no hospital e morreu 25 dias depois.

Esperamos que este calendário nos ajude a aprofundar a compreensão do mistério da vocação sacerdotal, nos inspire a seguir a nossa própria vocação mais generosamente, e nos recorde a importância da nossa oração e da nossa ajuda no acompanhamento dos seminaristas - jovens audazes, generosos e corajosos - no seu discernimento. É uma longa viagem, e não só devido aos muitos anos de formação envolvidos, pelo menos oito anos, mas também devido às grandes exigências e expectativas que traz, aliadas em muitos casos a uma falta de meios financeiros. Não os deixemos sozinhos na sua viagem.





UCRÂNIA



“Por isso o meu coração se alegrou e a minha língua exultou; e até a minha carne repousará na esperança”.

(Actos 2, 26)

O meu nome é **Tadey Volodmyr Kherovych** e sou diácono no mosteiro basiliano de São Pedro e São Paulo, em Drogobych. Tadey é o nome que me foi dado no mosteiro como símbolo de nascer para uma nova vida espiritual. Tenho 24 anos e sou o mais novo de três irmãos. Cresci perto do mosteiro basiliano porque nasci em Drogobych.

Quando eu e os meus irmãos éramos crianças costumávamos dizer que seríamos todos padres. „Representávamos“ a Missa em casa. Era muito divertido. Aos 5 anos tornei-me acólito e era a minha oportunidade de conhecer a vida da Igreja e de conhecer os monges basilianos. Decidi levar uma vida monástica quando andava no liceu. Depois de terminar o liceu, fui para Krekhiv, onde todos os candidatos à vida monástica vão primeiro. Agora, estou a terminar o último ano no seminário Yosyph Velyamyn-Rutskyi, em Brukhoychi.

A nossa vida aqui é dinâmica e cheia de deveres interessantes. Temos um equilíbrio entre oração, estudo, trabalho e lazer. Tenho as minhas responsabilidades durante a semana. Limpo uma parte do nosso mosteiro, mas também tenho deveres pastorais. Por exemplo, costumava ser um guia espiritual para os acólitos, agora dou catequese sobre a liturgia para as pessoas que vêm ao nosso mosteiro. Também sou o director de um coro chamado “Diesis”. Durante dois anos - antes da pandemia - representávamos e percorríamos a Ucrânia durante a época natalícia.

Muitas pessoas vêem a vida como um grande problema e é óptimo poder falar com elas ou ouvir o que as magoa e as faz sofrer. Tento lembrar-me de todos aqueles que precisam do apoio de Deus e agradeço aos meus directores espirituais por me apoiarem no caminho da vida monástica. Que todos sejam cheios da graça do nosso Deus, que nos livra do mal e que é um oceano de amor e beleza! Unidos na oração!

Rezem e apoiem os seminaristas na Ucrânia.

Juntos rezemos a Nossa Senhora Rainha da Paz pelo fim da guerra na Ucrânia.

VER VÍDEO



https://youtu.be/bZHhGJ_QCY

Mais de 800 seminaristas recebem o apoio da Fundação AIS na Ucrânia.

BRASIL



“Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.”

(Mt 6, 21)

Vinte e seis alunos do Seminário de São José em Manaus recebem ajuda da Fundação AIS.

Eu sou **Djavan André da Silva**, do grupo étnico Macuxi, da comunidade indígena Maturuca, situada na terra indígena Raposa Serra do Sol, no norte do estado de Roraima, no Brasil. Actualmente, estou no segundo ano de Teologia no Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia e vivo no seminário arquidiocesano de São José, em Manaus. A minha diocese, Roraima, está a atravessar um período particularmente intenso, uma vez que enfrenta vários desafios em termos de evangelização.

Em primeiro lugar, o empenho da Igreja local na causa indígena trouxe-lhe, em muitas ocasiões, perseguição e agressão por parte dos principais grupos de poder político e económico do Estado. Por conseguinte, este desafio exige o empenho e o reconhecimento dos povos indígenas. Reforçar a riqueza cultural, contribuindo para a garantia dos seus direitos, as suas lutas em defesa dos seus territórios e a sua auto-sustentabilidade.

A questão da migração tem sido também um desafio nos últimos anos e trouxe consigo uma verdadeira cultura de encontro na diocese. Os migrantes venezuelanos vieram para Roraima na esperança de encontrar alimentos para sobreviver, um emprego, uma casa para viver, etc. Para além das organizações da linha da frente, também as paróquias, as áreas missionárias e mesmo as famílias acolheram imigrantes, vivendo assim em solidariedade com os outros. Entre esta diversidade de rostos e experiências, pessoas e famílias, a Igreja de Roraima procura sempre acolher os imigrantes, oferecendo o que pode.

Venho de um povo indígena cujo contexto histórico é marcado por divergências e disputas sobre o processo de territorialização, a luta pelos seus direitos e pela vida. Foi neste contexto que a minha viagem vocacional floresceu. O meu discernimento vocacional teve lugar no meio da rica cultura Macuxi, transmitida pelos antepassados, a sua língua, as suas histórias, o seu amor e respeito pela vida, as suas leis e normas, a sua comunidade e espírito de acolhimento, o seu amor pela terra, os seus rituais, os seus festivais e Deus Pai, criador de todos. O apelo de Deus ao caminho do ministério sacerdotal nasceu da realidade de Roraima. Observando todas as realidades desafiantes e provocadoras que a Igreja de Roraima enfrenta na questão da evangelização, quero verdadeiramente seguir Jesus Cristo. Portanto, este caminho leva-me, cada vez mais, a dar passos firmes e determinados pelo desejo de servir Cristo plenamente na minha Igreja local como futuro sacerdote da Diocese de Roraima.

Agradeço a todas as pessoas que, até agora, contribuíram directa ou indirectamente para o meu percurso vocacional. Os benfeitores têm um papel importante na formação de um sacerdote porque através dos donativos, seja em dinheiro ou bens materiais, ajudam o seminário nas suas necessidades, tornando-se também eles responsáveis pela formação sacerdotal.

Continuem a rezar pela minha vocação e a dos meus colegas seminaristas.



NICARÁGUA



***“Então eu disse:
‘Aqui estou! No Livro
da Lei está escrito
aquilo que devo
fazer. Esse é o meu
desejo, ó meu Deus; a
tua lei está dentro do
meu coração.”***

(Sl 40,8-9)

Na Diocese de Matagalpa, 33 seminaristas do Seminário de São Luis Gonzaga recebem ajuda da Fundação AIS.

O meu nome é **Christian Velásquez**, tenho 21 anos de idade, sou da zona de Granada e pertenço à paróquia de Nuestra Señora de la Asunción Xalteva. Estou há cinco anos no Seminário São Pedro Apóstolo Maior, desde que disse Sim ao Senhor num Domingo de Outubro, a festa de São Francisco de Assis. Nunca pensei que esse momento com Ele mudaria a minha vida, porque nunca pensei, nem me passou pela cabeça, tornar-me padre.

Foi a minha avó materna que me ensinou a rezar e a ir à Missa todos os dias. Ela criou-me o hábito de falar sempre com a nossa Mãe Santíssima e a falar com confiança a Deus.

Queria estudar arquitectura ou pedagogia e constituir família. Pensei erradamente que não precisava de Deus, que podia ter uma carreira, ganhar dinheiro e ter luxos.

Um dia acompanhei uma amiga à igreja. Quando ela saiu, fiquei sozinho na capela e apercebi-me que abandonar Deus é abandonar a vida. Invadiu-me a tristeza, a dor, mas também a alegria de me sentir amado por Ele. Tremendo e com medo, mas seguro no meu coração, disse: “Aqui estou para fazer a Tua vontade”. Lembrei-me das palavras de São João Paulo II “Não tenhais medo de abrir as portas a Cristo”, porque Cristo vale tudo.

Muitos foram contra a minha decisão. A minha família chamava-me “louco”, “precisas de terapia ou de um psicólogo”, o meu pai repetia-me: “Se fores para padre, eu não te reconheço”. O meu confessor, um padre jesuíta, aconselhou-me a não deixar de ir à Missa e a falar com Deus, na capela, em adoração, porque Ele me daria a melhor resposta. Foi e continua a ser assim.

Gosto do tempo de oração, da liturgia das horas ou do terço, dos desportos como o futebol e das refeições, não só porque gosto do *gallo pinto* - um prato típico da minha terra natal - mas também porque gosto de partilhar com alegria.

Santa Teresa de Calcutá disse que ninguém dá o que não tem, quem conhece Deus e abre o seu coração não guarda para si a sua alegria, mas torna-a conhecida.

Conto com as vossas orações por mim e por todos os meus colegas seminaristas na Nicarágua!



PERU



“Àquele que pode fazer imensamente mais do que pedimos ou imaginamos”

(Ef 3, 20)

A Fundação AIS apoia a formação de 35 seminaristas do Seminário Arquidiocesano Missionário *Redemptoris Mater*, em Arequipa.

O meu nome é **Abel Esteves Atarama** e tenho 26 anos. Nasci em Piura, uma cidade no norte do Peru. Estou no terceiro ano de Teologia. Venho de um lar pobre e sou o mais velho de sete irmãos. O meu pai não conseguiu terminar os estudos superiores, por isso trabalhou como comerciante ambulante. A minha mãe deu-se totalmente a mim e aos meus irmãos. Não tínhamos uma casa estável, vivíamos onde nos acolhiam ou em terrenos que invadíamos. A nossa alimentação e vestuário eram escassos. Eventualmente, o meu pai viajava para outras cidades à procura de trabalho e eu, desde criança, também procurava trabalho para ajudar a minha mãe e os meus irmãos. Muitos anos depois, por volta da altura do nascimento do meu quarto irmão, o meu pai encontrou uma casa e um emprego mais estável.

Vivendo nesta situação de pobreza, lutei para mudar tudo um dia. É por isso que eu pensava em estudar e ajudar a minha família. Além disso, eu queria casar e formar a minha própria família. Mas, a certa altura, tudo isso mudou. Em 2010, juntei-me a uma comunidade dentro da paróquia. Lá, tive um encontro pessoal com Deus. Conheci o amor gratuito, um Deus que não exigia de mim uma vida perfeita, mas que me compreendia e aceitava tal como eu era. Isso mudou a minha perspectiva sobre a vida. Comecei a sorrir e a compreender a história que me tinha sido dada viver até esse momento.

Passado algum tempo, durante um encontro de jovens onde falámos sobre a vocação ao sacerdócio, senti o chamamento de Deus. No início, fiquei um pouco confuso porque tinha os meus próprios planos de vida. Nessa altura, estava numa relação com uma rapariga da paróquia, preparava-me para entrar na universidade, tinha trabalhos esporádicos como pintor, empregado de mesa ou a lavar louça, com os quais apoiava os meus pais. Mas o chamamento de Deus para mim foi tão forte que deixei tudo por Ele.

Estou no oitavo ano no seminário, e durante todos estes anos apercebi-me de que estou feliz por fazer a vontade de Deus. Nunca pensei em estudar Filosofia e Teologia. No início era um pouco difícil para mim estudar, mas depois, com a ajuda de Deus e dos meus professores, comecei a encontrar o seu verdadeiro significado. Encontrei algo que mesmo nos meus maiores sonhos eu não poderia ter alcançado: ser feliz.

Deus está também a permitir-me ver que não sou o ganha-pão da minha família. Hoje, o meu pai terminou os seus estudos superiores, tem um bom emprego como professor e os meus irmãos e irmãs têm o suficiente para continuar a viver. Deus fez as coisas muito melhor do que eu poderia ter feito.

Rezem por todos os seminaristas do Peru.



NIGÉRIA



O seminarista Michael foi assassinado por convidar os seus raptadores à conversão

”Proclama a palavra, insiste em tempo propício e fora dele, convence, repreende, exorta com toda a compreensão e competência.”

(2 Tm. 4, 2)

Michael Nnadi tinha apenas 18 anos quando foi raptado do Seminário do Bom Pastor, na cidade de Kaduna, norte da Nigéria, juntamente com três outros estudantes, a 8 de Janeiro de 2020.

Pouco depois das 22h30, os raptadores passaram a vedação que rodeava o complexo residencial dos seminaristas e entraram no edifício. Dispararam tiros, roubaram alguns objectos de valor e raptaram quatro seminaristas. Enquanto os seus três companheiros, de várias dioceses do norte da Nigéria foram libertados, o corpo sem vida de Michael Nnadi foi encontrado à beira da estrada no sábado, dia 1 de Fevereiro de 2020.

Dois dos seminaristas raptados tinham sido libertados a 31 de Janeiro. Michael foi o último a permanecer em cativeiro, porque os raptadores já tinham abandonado na estrada um dos estudantes com graves problemas de saúde, duas semanas antes.

O homem que afirma ter morto o seminarista Michael Nnadi e, está agora na prisão, disse que executou o jovem aspirante a padre porque ele continuava a pregar a fé cristã em cativeiro. Ele “continuou a pregar o Evangelho de Jesus Cristo” e o seminarista disse-lhe “abertamente para sair do mau caminho ou morreria”.

Desde o primeiro dia em que Nnadi foi raptado juntamente com três dos seus outros colegas, não deixou que o líder criminoso tivesse paz, porque insistiu em pregar-lhe o Evangelho. De acordo com fontes locais, o líder dos raptadores não gostou da audácia demonstrada pelo jovem e decidiu “silenciá-lo”.



O assassinato de Nnadi faz parte de uma longa lista de ataques e crimes contra cristãos no país nos últimos anos. Numa carta de Quarta-feira de Cinzas de 2020 aos Católicos nigerianos, o Arcebispo Augustine Obiora Akubeze, da cidade de Benin, pediu aos Católicos que se vestissem de preto em solidariedade com as vítimas e rezassem, em resposta às “repetidas” execuções de cristãos pelo Boko Haram e aos “incessantes” raptos por bandos criminosos.

Um dos professores do Seminário de Kaduna contou à Fundação AIS: “Michael era um jovem e talentoso seminarista. Ele cresceu com a avó porque era órfão. Há apenas algumas semanas, após um ano de preparação espiritual, vestiu solenemente a sua batina. Parece que o seu único crime foi o desejo de servir a Deus. As forças de segurança e o Governo não conseguiram protegê-lo. Descansa em paz, Michael.”

Cerca de 350 seminaristas na Nigéria recebem ajuda da Fundação AIS para a sua formação no seminário.

Rezemos por todos os seminaristas que vivem em áreas dominadas pela violência, criminalidade e perseguição religiosa na Nigéria, mas também noutras partes do mundo.

CAZAQUISTÃO



“Então, ouvi a voz do Senhor que dizia: ‘Quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro?’ Então eu disse: ‘Eis-me aqui, envia-me.’”

(Is 6, 8)

Os candidatos ao sacerdócio do Seminário Maria Mãe da Igreja, em Karabanda, puderam realizar os seus estudos graças à ajuda da Fundação AIS.

O meu nome é **Alexey Barbu**, tenho 19 anos. Nasci no Cazaquistão, na cidade de Zhezkazgan. Actualmente, estou a estudar no Seminário Teológico Superior Interdiocesano “Maria, Mãe da Igreja” em Karaganda.

Eu costumava frequentar a Igreja Ortodoxa, também a catequese. Em Novembro de 2015, tinha 13 anos, quando um amigo convidou-me para ir lanchar a casa de um conhecido antes de ir para a escola. Chegámos ao local e vi que se tratava de uma igreja. Entrámos no edifício e havia duas pessoas sentadas a uma mesa. Convidaram-nos a sentar e começámos a apresentar-nos. Naquele momento, descobri que um deles era o actual Bispo da Diocese de Karaganda, Adelio Dell’Oro, e que o outro era o reitor daquela paróquia, Pe. Robert. No dia seguinte, voltei à igreja para lanchar e nesse mesmo dia perguntei em que dias havia Missa. No início, pensei que ia falar um pouco com o Pe. Robert, passava algum tempo com os outros e via o que aconteceria. Desde esse dia, nunca mais deixei de ir.

Fui baptizado na Igreja Católica em 2016, mas não recebi logo os outros sacramentos porque precisava de uma boa preparação. No Verão desse mesmo ano, fiz a minha Primeira Comunhão. Depois disso, comecei a pensar numa vocação para a vida sacerdotal. A igreja organizava retiros espirituais para jovens de todo o Cazaquistão, todos os Verões, e eu procurei participar em todos. Depois de um encontro, durante um retiro no seminário, algo dentro de mim começou a empurrar-me e eu não sabia como me livrar disso. Meditei sobre aquela situação durante muito tempo. Depois de terminar o 11º ano, pensei em ir estudar numa universidade na Rússia e comecei a juntar os meus documentos. Fui aceite, matriculei-me e tudo o que faltava era ir e iniciar o ano académico.

Mas não deixava de pensar na minha vocação ao sacerdócio e não pude evitá-lo. Por isso, desisti da ideia de ir para a universidade e candidatei-me ao seminário. Em 2021, comecei o primeiro ano de Filosofia e continuo agora os meus estudos e o meu caminho com Jesus.

Rezem por mim e por todos os seminaristas do Seminário Teológico Superior Interdiocesano “Maria, Mãe da Igreja”, em Karaganda.



BANGLADECHE



“Então, Jesus disse aos Doze: ‘Também vós quereis ir embora?’ Respondeu-lhe Simão Pedro: ‘A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!’”

(Jo 6, 67-68)

Cerca de 90 seminaristas do Seminário Maior do Espírito Santo, em Dhaka, recebem apoio da Fundação AIS para a sua subsistência.

O meu nome é **Joachim Robin Hembrom**, sou da etnia Santal e pertenço à Paróquia da Catedral do Bom Pastor, na Diocese de Rajshahi, Bangladesh. Desejo tornar-me padre desde a minha infância. Fiquei muito impressionado com a pregação, ensino e cuidados que o meu pároco tinha para com os doentes, Pe. Paolo Ciceri, PIME. Vi a sua simplicidade, espiritualidade, dedicação, preocupação e amor pelos necessitados, os oprimidos e os marginalizados. Ele trabalhava incansavelmente para ministrar os sacramentos. Era de origem italiana, mas conosco tornou-se bengalês e santal. A sua espiritualidade, simplicidade, devoção aos pobres e devoção a Deus inspiraram-me muito a tornar-me padre. Assim, decidi dedicar a minha vida a pregar a palavra de Deus e também a ajudar os pobres e necessitados.

A vocação é um apelo, um dom especial de Deus. Deus chama-nos para O servirmos e ao Seu povo. Depois de falar com o meu pároco, entrei no seminário menor em 2006 e depois no seminário intermédio em 2008. Nesta fase, percebi o verdadeiro apelo de Deus para ser padre.

Enquanto estudava na universidade, duvidei da minha vocação por causa dos meus colegas muçulmanos e da sua visão secular da vida. Devido à sua influência, decidi abandonar o seminário. Falei com o meu director espiritual sobre este assunto. Sugeriu que tirasse algum tempo e reconsiderasse. Comecei a rezar e a pedir - o que devo fazer? Na minha oração e meditação, ouvi a voz de Jesus “Joachim, queres deixar-me?” Comecei a rezar e a meditar cada vez mais. Finalmente, passados alguns dias, percebi que Jesus estava a chamar-me para trabalhar pelo reino de Deus e para ser uma testemunha da Boa Nova no mundo.

O seminário dá-me a oportunidade de experimentar o trabalho pastoral. Sou seminarista no Seminário Maior do Espírito Santo, Dhaka, no último ano de Teologia. Durante a minha experiência de trabalho pastoral, dei o meu melhor para dar a conhecer Jesus Cristo e o Seu amor incondicional tanto a cristãos como a não-cristãos.

No início, a vida no seminário parece difícil por causa do novo ambiente, das regras e normas diferentes, mas é cheia de alegria. A formação abre as portas para conhecer e viver Jesus muito de perto. Viver com seminaristas de diversas origens é muito positivo. Vivemos em unidade e cooperamos uns com os outros para lutar por nos tornarmos padres santos. A parte mais difícil é aprender línguas, especialmente o hebraico, grego e latim. No início, tinha medo de não conseguir terminar os estudos. Mas, com a bênção de Deus, o meu esforço e a dedicação constante ajudaram-me a chegar quase à etapa final da vida no seminário. Graças a Deus, graças a Jesus Cristo por me ter chamado a ser um sacerdote santo.

Rezemos pelos seminaristas do Bangladesh!



BÓSNIA HERZEGOVINA



***“O próprio Senhor
irá à tua frente; Ele
estará contigo; não
deixará que o teu
joelho se dobre e não
te abandonará.
Não temas,
portanto, nem
desanimes.”***

(Dt 31, 8)

O meu nome é **Gabrijel Pavlovic**, candidato ao sacerdócio da Diocese de Trebinje-Mrkan, e estou no quarto ano do seminário. Se eu tivesse de descrever o meu caminho para o sacerdócio numa frase, seria: “Não é fácil para Deus ser paciente comigo”. Vejo o meu futuro no sacerdócio, mas primeiro vejo Deus comigo, sem Ele não posso seguir este caminho. Actualmente, existe o perigo de fazer de Deus um “hobby” e de apegar-nos às coisas terrenas, também para os padres. Não quero ser um padre assim.

A oração tornou-se parte da vida da nossa família. Depois de acontecer, acho que já não é possível voltar atrás. Na pequena aldeia de Rotimlja, maioritariamente croata, a Missa de Domingo era uma parte importante da vida comunitária. A Missa era um mistério, era interessante. Não percebia as leituras, não entendia o Evangelho, nada, mas gostava imenso de ser acólito.

Através deste serviço encontrei-me a mim próprio. Percebi que o meu caminho tinha de ser diferente, não o dos meus companheiros. Quando eu estava no oitavo ano, os meus pais compraram animais e eu ganhei gosto em cuidar deles. Estava entusiasmado com as cabras, as ovelhas, os cordeiros, tudo.

Há sete anos, chamado por Deus, entrei no seminário menor em Zadar com o entusiasmo de uma criança. De repente, tudo era novo para mim, a escola, a comunidade... Mas Deus foi desde o início o verdadeiro amigo que cuida de mim e me guia. Quando me estava a habituar à vida no seminário, chegou a altura de terminar o liceu. Durante esse tempo tive de tomar uma série de decisões, e uma das mais importantes era continuar ou não como candidato ao sacerdócio. Decidi, depois de muito pensar, ir em frente.

Tive medo do seminário, especialmente do de Sarajevo. Não conhecia a zona, a única coisa que sabia era que os Católicos nesta cidade são uma minoria. Por isso, esperava que o bispo me enviasse para Zagreb. Fiquei um pouco desiludido por não o ter feito. Tive medo da minha vocação e do meu sonho de me tornar um bom padre quando o meu bispo me enviou para Sarajevo.

As consequências da guerra ainda se sentem, e assim será por muito tempo. Não devemos cultivar pensamentos de vingança, mas sinto que eles estão de alguma forma secretamente escondidos em nós, nas gerações mais novas. Não o dirão publicamente, mas assim que surgem alguns problemas superficiais, como questões económicas ou religiosas, fala-se logo na guerra, nessa divisão, e todos sabemos onde esse debate nos leva.

Esta mistura de diferentes povos e culturas e o nosso passado difícil pode conduzir a conflitos. Mas se olharmos para as vidas das pessoas que sofrem, não é importante se são muçulmanas,



**A Fundação AIS
contribui para o
financiamento
da formação de
15 seminaristas
do Seminário
Arquidiocesano de
Sarajevo.**

ortodoxas ou católicas. São simplesmente pessoas que precisam de algo e a quem a dignidade básica deve ser devolvida.

Quando olho para trás, penso que nada me pode deter. Houve coisas menos boas, sempre haverá, mas depois de passar três anos no seminário de Sarajevo, não gostaria de mudar para outro. Sinto-me bem aqui.

Quando os meus amigos me perguntam como estou, digo-lhes: “Estou feliz e alegre, apenas um pouco triste porque há cada vez menos seminaristas. Gostaria que a nossa casa estivesse cheia. Em Sarajevo, estou empenhado em preparar-me melhor para a vida do “amanhã”, o meu tempo está cheio de trabalho e de oração, e quero que continue assim.

Muito obrigado ao Bispo Emérito Ratko Perić por me enviar para Sarajevo e a todos os professores. Mas acima de tudo, agradeço a Deus por tantos amigos e tantas coisas bonitas na minha vida.

Rezem por mim e continuem a apoiar-nos!

VER VÍDEO



[https://youtu.be/
CoUESpaICCU](https://youtu.be/CoUESpaICCU)

R. D. CONGO



“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo”.

(1 Cor 12, 4-5)

Eu sou o **Abraão**. Estudo no Seminário Universitário São João Paulo II, em Kinshasa, na República Democrática do Congo. Creio que a minha vocação tem a sua origem na primeira vez que vi a minha avó trazer flores para a igreja. Houve também um segundo momento de motivação: uma ordenação sacerdotal que teve lugar na minha paróquia natal, no ano 2000. Graças a este grande acontecimento, o meu interesse começou a voltar--se para a escolha de uma vida semelhante à dos padres, pelo menos eu queria imitar a sua vida.

Numa família de oito filhos, foi uma grande alegria para os meus pais e irmãos ver-me a querer ser padre. O meu pai, que sempre disse que cada filho é livre de escolher aquilo que se quer tornar, considerou a minha escolha impressionante e garantiu-me o seu apoio em tudo. Escolhi dedicar a minha vida a Deus para cumprir a missão querigmática.

No desempenho do meu ofício pastoral, é difícil determinar o dom exacto que levo ao povo de Deus; contudo, participo nas actividades pastorais dando conselhos, dando ensinamentos sobre a doutrina da Igreja Católica. No nosso percurso vocacional, encontramos certamente muitas dificuldades por vezes relacionadas com os requisitos e as exigências da formação. Às vezes, estão também relacionadas com a convivência com os outros. Além disso, a maior dificuldade é económica, que nos impede de dispor dos instrumentos necessários imprescindíveis à nossa formação.

Rezem pelos seminaristas na República Democrática do Congo.

Cerca de 600 seminaristas na República Democrática do Congo concluem a sua formação graças à ajuda que recebem da Fundação AIS.

LÍBANO



“Mas uma coisa faço: esquecendo-me daquilo que está para trás e lançando-me para o que vem à frente, corro em direcção à meta, para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus.”

(Fl 3, 13-14)

O meu nome é **Elie Abou Slaybi** e sou de Douris, uma aldeia de 18 mil habitantes situada a 3 km a sul de Baalbek, no Líbano. Baalbek é o Heliopolis dos escritores latinos e gregos, onde Constantino erigiu a primeira basílica cristã. Desde o séc. XIX que é sede de dois bispos católicos, um melquita e um maronita.

Estou no quarto e último ano de estudos no Seminário de São Tiago, em Karm Sadde e espero tornar-me padre em breve, respondendo ao apelo do Senhor e fazendo da minha vida um serviço agradável a Deus. O meu pai faleceu em 2020, como consequência do coronavírus.

Durante o meu serviço pastoral, tenho notado uma grande sede da Palavra de Deus entre os fiéis da minha diocese. Crianças, jovens e adultos procuram o caminho da luz e da alegria, numa região cheia de desafios sociais, culturais, económicos e também numa zona ameaçada pela insegurança. Tornar a voz do Senhor acessível e compreensível para eles ajuda-os a ultrapassar as dificuldades diárias e enraíza-os nesta região onde se tornaram uma minoria.

Na realidade, dos 18 mil habitantes de Douris apenas 250 são cristãos. É fundamental proporcionar ajuda espiritual a estas pessoas para não perderem a sua identidade religiosa. É uma ameaça real fundir-se numa sociedade que não se parece connosco, adoptar práticas e estilos de vida que não são os nossos. Este perigo é real, muitos dos fiéis perdem o seu caminho e são necessários meses ou anos de esforço para os levar ao reencontro com Deus.

Mas os crentes não são os únicos que precisam de luz. Muitos não-cristãos também anseiam por conhecer a verdade que dá vida. Tive o imenso privilégio de levar a Palavra do Senhor a muitos deles, e depois de os ter acompanhado durante muitos anos converteram-se ao Cristianismo e pediram para serem baptizados. Numa região onde os Cristãos se tornaram uma minoria, com condições de vida extremamente difíceis, espero poder continuar a minha aventura com Cristo.

Estou a dar tudo o que posso para ser um bom trabalhador na Sua vinha. Esforço-me por ser um marinheiro destemido que não tem medo do vento. E com razão... porque o Mestre está a bordo!
Conto com as vossas orações.

A Eparquia maronita de Baalbek - Deir El Ahmar, em Beqaa, recebe o apoio da Fundação AIS para a formação de 8 seminaristas.



CUBA



***“E àqueles que
predestinou,
também os chamou;
e àqueles que
chamou, também os
justificou; e àqueles
que justificou,
também os
glorificou.”***

(Rm 8, 30)

Eu sou Lázaro **Jesús Aguilar Ortíz**, estudante do Seminário Arquidiocesano de Santiago de Cuba.

A minha mãe contou-me que quando eu tinha 6 anos, costumava subir uma escada na casa do meu avô e lá costumava brincar às Missas. O meu avô, embora não fosse um homem de fé, encorajou essas brincadeiras e participou nelas com grande alegria. Esta é uma memória que eu não tinha e que a minha mãe tinha guardado até ao dia em que lhe falei do chamamento que senti e do meu desejo de retribuir.

Numa noite de Quinta-feira Santa, na presença de Jesus no Santíssimo Sacramento, há sete anos, começou o processo de discernimento do plano de Deus para a minha vida. A Sua graça, pouco a pouco, tornou-me mais sensível e generoso.

No Natal desse ano, fui convidado pelas religiosas que servem na minha paróquia para visitar o campo à volta da minha cidade. Nestes lugares, as comunidades são muito pequenas e a atenção religiosa é muito escassa porque o sacerdote ou a religiosa só lá podem ir uma vez por mês ou talvez menos. No meio daquele ambiente, vi muito claramente a missão para a qual Deus me chamava: ser sacerdote.

Depois destas experiências, sempre que lia um texto bíblico ficava profundamente emocionado, especialmente os que se referiam a seguir Jesus. Lembro-me de procurar os gestos sacerdotais de Cristo em cada passagem dos Evangelhos. Tudo isto foi reforçado quando recebi o sacramento da Confirmação, porque senti que tinha sido enviado, que já tinha a força do Espírito e que não fazia sentido guardá-la para mim, que era necessário oferecê-la.

O convite que Jesus me fez para O seguir é como aquele grão de areia que entrou na ostra e que o tempo (o seminário) está a transformar numa bela pérola. É uma alegria compreender como a graça do Senhor é derramada sobre mim todos os dias, não porque eu seja especial, mas porque, como diz a Escritura, Ele predestinou aqueles que chamou (Rm 8,30).

As suas orações acompanham-nos nessa transformação.

A Fundação AIS ajuda cerca de 20 seminaristas no Seminário de São Basílio Magno, em Santiago de Cuba, e no Seminário de São Carlos e Santo Ambrósio, na Arquidiocese de Havana.



CAMARÕES



Gerard Anjiangwe:
Seminarista de 19 anos
assassinado à queima-
-roupa enquanto rezava
o terço

Os Camarões estão no meio de um conflito político e social que afecta tanto as zonas anglófonas como as francófonas. Aquilo que era uma colónia alemã no final do séc. XIX foi dividido, após a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial, em Camarões francófonos e Camarões anglófonos. Em 1961, os dois foram unidos num Camarões independente. No entanto, a população das regiões de língua inglesa - localizada no sudoeste e noroeste do país - sentiu-se marginalizada pelas autoridades francófonas.

Em 2016, os distúrbios nos Camarões começaram a agravar-se. Desde então, tem havido vários confrontos violentos entre o Governo e militantes secessionistas exigindo a independência da autoproclamada República de Ambazónia. O exército não poupou esforços para as suprimir e, como resultado, mais de 500 pessoas foram mortas e mais de 200 mil foram forçadas a fugir.

Pouco antes das eleições, a 4 de Outubro de 2018, **Gerard Anjiangwe**, seminarista da Arquidiocese de Bamenda, foi morto em frente da igreja paroquial de Bamessing, município de Ndop.

Por volta das 9h30, no final da Santa Missa, os fiéis estavam de partida, mas Gerard Anjiangwe e alguns conferencistas permaneceram na missão preparando-se para a liturgia do dia seguinte. Uma carrinha militar, vinda de Ndop, parou no início da estrada que conduz à igreja. Militares saíram da carrinha e começaram a disparar. Alguns dos acólitos que iam para casa regressaram à igreja, enquanto outros se escondiam nos arbustos próximos. Os leitores que estavam com Gerard perto da sacristia, vendo os militares a chegar, correram para a sacristia e fecharam a porta, enquanto Gerard, que ainda estava lá fora, se prostrou no chão a rezar o terço.

*“Felizes sereis,
quando os homens
vos odiarem, quando
vos expulsarem,
vos insultarem e
rejeitarem o vosso
nome como infame,
por causa do Filho
do Homem.”*

(Lc 6, 22)



Ajuda para o Seminário Maior de São Tomás de Aquino, Bambui, Camarões.

Nos Camarões,
cerca de 650
seminaristas
podem avançar
na sua formação
sacerdotal graças
à ajuda da
Fundação AIS.

Os soldados tentaram abrir a porta da igreja, mas não tiveram sucesso. Aproximaram-se de Gerard, que se prostrava no chão, rezando, e pediram-lhe que se levantasse, o que ele fez sem hesitar. Depois de o interrogarem, pediram-lhe que se deitasse novamente. Foi então atingido três vezes no pescoço e morreu instantaneamente. Gerard era filho único. O pai é catequista. Foi muito difícil para eles.

O papel da Igreja é dizer a verdade e promover o diálogo. A Igreja acredita na paz, mas não pode haver paz sem justiça. A justiça e a verdade devem prevalecer e é isso que a Igreja defende.

Rezemos por todos os seminaristas que vivem em situações de conflito e guerra civil, especialmente pelos seminaristas dos Camarões.



BRASIL



“Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam.”

(Mc 16, 20)

O meu nome é **Adelson Pereira Reis**, sou seminarista da Prelatura de Borba e tenho 18 anos. Eu sou de Rio Abacaxis e pertenço ao grupo étnico Maraguá. Falo a língua do meu povo e tenho orgulho nela. O lugar onde vivo fica muito longe do centro da cidade, cerca de um dia e meio de barco. O meio de comunicação continua a ser através de cartas.

O meu primo, que é seminarista na prelatura e estuda em Manaus, enviou-me uma carta a falar da sua vida no seminário e nessa carta encorajou-me a participar num encontro vocacional. O meu pai é um exemplo de homem de fé e de pai, é o animador da aldeia e preside ao culto divino todos os Domingos. Quando o meu pai foi à cidade de Nova Olinda, procurou o pároco e contou-lhe o meu desejo de ter uma experiência no seminário de Borba. Nesse encontro senti-me definitivamente chamado a abraçar esta vocação, procurando um dia tornar-me sacerdote na nossa Igreja em Borba, tanto assim que decidi ficar no seminário.

Não regresssei à minha família e ao meu povo, por causa de algo muito maior: o Reino de Deus. Estou a fazer discernimento vocacional. Sinto falta dos meus pais e irmãos, das celebrações da Palavra, das novenas e das orações com a minha família. Mas vivendo com os outros irmãos no seminário, aprendi a vida comunitária e fortaleci ainda mais a minha fé através da catequese. Hoje, estou muito feliz por estar no seminário, enriquecendo a minha cultura indígena através do estudo que o seminário me oferece como um caminho para uma boa formação como sacerdote.

Com a graça de Deus, rezo e peço orações, não só pela minha perseverança mas também pela perseverança de todos os jovens seminaristas que procuram servir a Deus e às comunidades urbanas, rurais e indígenas, porque na nossa prelatura há uma grande necessidade de sacerdotes eficazes para servir a evangelização do nosso povo na prelatura de Borba. **“SUHY WAGWA’T”** (Muito obrigado em Maraguá)

Continuem a rezar e a apoiar os seminaristas!

Adelson Pereira é um dos 26 seminaristas do Seminário Arquidiocesano de São José, em Manaus, que recebem ajuda da Fundação AIS para a sua formação sacerdotal.

PERU



“E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus.”

(Lc 5, 11)

Cerca de 450 seminaristas, como Jesús Jacob González-Polar Morgan, recebem ajuda da Fundação AIS no Peru.

O meu nome é **Jesús Jacob González-Polar Morgan**, tenho 31 anos, nasci na cidade de Arequipa, no Peru, numa família católica. Estou a estudar o primeiro ano de Teologia.

Considero que nasci por milagre. Os meus pais tinham ambos uma história de vida difícil. São doentes há muitos anos, especialmente a minha mãe, que tem problemas auditivos desde criança, é quase surda e perdeu a visão quase completamente. Encontraram-se numa catequese que foi a resposta para a sua vida e, desde então, para todas as complicações em casa, para a falta de dinheiro, para a saúde e para os problemas pessoais de cada um dos filhos, os meus pais só têm uma resposta: Deus.

Estava à procura de felicidade e de sentido na minha vida. Tinha experimentado muitas coisas e não me sentia satisfeito, estava a conseguir tudo o que me tinha proposto e o que o mundo tinha para oferecer: diversão, viagens, amizades, sucesso, afecto, etc., mas nada disso preenchia o vazio que sentia. Vivia triste. Mergulhava cada vez mais nesse mundo e via que era difícil sair.

Fiz uma licenciatura técnica em Turismo e Gestão Hoteleira. Pouco a pouco, comecei a encontrar respostas para a minha vida e comecei a experimentar o amor de Deus que não exigia nada de mim e que preenchia o meu vazio. Em 2010, formei-me como bombeiro voluntário e dois anos mais tarde comecei a estudar Psicologia. Pensei que tinha encontrado o meu caminho, pois gostava do que estava a fazer e vi que era algo de bom que contribuía para o bem dos outros.

Ao ver mais de perto o sofrimento das pessoas, tanto no estágio de Psicologia como no trabalho como bombeiro, vi a minha vida com maior gratidão, pois muitas das pessoas de quem cuidava viviam na mesma situação em que eu me encontrava e de onde Deus me tinha resgatado.

Comecei a pensar na minha vocação, mas tinha medo de entrar no seminário e deixar tudo o que tinha conseguido até então, e também tinha o desejo de me casar. Além disso, tinha os meus pais com as suas doenças e via que estavam a envelhecer. Estava a pensar no futuro, porque os meus irmãos também já não estavam em casa, perguntando-me quem iria cuidar deles.

Em 2017, entrei no seminário. A minha comunidade paroquial ajudou-me muito, pois apoiou-me na fé. Vi como Deus resolveu todas as minhas preocupações, principalmente da situação dos meus pais.

Hoje posso dizer honestamente que estou feliz, que encontrei um sentido para a minha vida.

Rezemos todos para que os seminaristas sejam fiéis ao seu chamamento.

NICARÁGUA



“Hei-de alegrar-me e regozijar-me com a tua misericórdia, pois viste a minha miséria e conheceste a angústia da minha alma.”

(Sl 31, 8)

A Fundação AIS colabora na subsistência de cerca de 150 seminaristas na Nicarágua.

O meu nome é **Kelvin Moises Ortiz Carillo**. Sou originário da ilha de Ometepe, Altagracia. Sou seminarista na Diocese de Granada, na Nicarágua.

Tinha 15 anos quando alguns jovens vieram a minha casa, convidaram-me para ser acólito e eu aceitei. Não sabia o que era ser acólito, mas a partir daí nasceu a minha vocação. Quem poderia ter imaginado: Deus à minha procura à porta de casa.

A decisão que tomei de seguir Cristo na vocação sacerdotal foi difícil, porque os meus pais não concordavam. Quando informei que queria ir para o seminário, os seus rostos mudaram completamente. Não podiam imaginar que um jovem como eu, aos 18 anos, tomasse essa decisão. Eles queriam que eu trabalhasse ou estudasse noutro lugar. Com lágrimas no rosto, porque os meus pais disseram que não me apoiariam, deixei a minha casa com as minhas malas, seguro da minha decisão, mas assustado por dentro, com medo de estar sem a minha família e amigos que me davam tanta alegria.

A partir do momento em que decidi ir para o seminário, as coisas complicaram-se. Chegou uma altura em que fiquei doente e fui operado. Depois, o meu irmão gémeo contraiu uma doença letal semelhante a um cancro. Deixei o seminário durante algum tempo porque não consegui concentrar-me nos estudos e vi-o morrer lentamente. Passei por momentos terríveis com ele. Vi-o sofrer no hospital, numa ala de cuidados intensivos. A minha mãe chorava porque estava ligado a muitas máquinas. Graças a Deus, sobreviveu.

Apesar de todas essas dificuldades, não tinha perdido o desejo de servir a Deus. Voltei a seguir a minha vocação, mas a pandemia do coronavírus chegou e tivemos de ser enviados para casa. Outro ano fora. Já eram três anos perdidos. Nessa altura, fiquei desanimado. Honestamente, esses foram anos tristes. Senti-me impotente, derrotado e desanimado, mas nesses anos Deus também me ajudou muito. Penso que estava a testar-me. É difícil ser seminarista, porque pessoalmente significa deixar a família e aceitar que já não lhes pertences. Deus leva-te para outro lar e tens de te deixar moldar, porque escolheste um caminho de renúncia e perseverança.

Neste caminho que é o discernimento do chamamento do Senhor, precisamos de muita oração para continuar e ver o caminho que Deus preparou para nós.

Rezem muito por nós e pela vocação dos seminaristas na Nicarágua.

MADAGÁSCAR



***“Como retribuirei
ao Senhor todos
os seus benefícios
para comigo?”***

(Sl 116, 12)

O meu nome é **Jaofera Nirina Joseph Cyrille**, nasci numa família católica praticante na Diocese de Tamatave, em Madagáscar. Vivemos numa zona por onde os padres raramente passam durante o ano, mas os meus pais levavam as minhas irmãs e a mim à igreja todos os Domingos e nós íamos à catequese depois da Celebração da Palavra. Em casa, depois do jantar, revezávamo-nos para rezar a oração da noite. Para ser honesto, nunca levei essas orações muito a sério, mas era um costume familiar e não queria desobedecer aos meus pais.

Contudo, eu gostava do catecismo e passava o meu tempo livre, ou quando éramos enviados para cuidar dos bois no campo de arroz, a ler um livro de catecismo ou a Bíblia. Essa leitura contínua levou-me a aprofundar e a interessar-me pela vida da Igreja, ao ponto de não parar de falar sobre isso com os meus amigos da escola. Estava ansioso por saber mais. Era tão brilhante nos estudos e interessado em tudo, que os meus professores conseguiam esquecer todos os disparates que fazia nas aulas. Os meus amigos chamavam-me “pequeno padre”, embora eu nem sequer soubesse que me poderia tornar um. Mas quando se vive longe de um centro missionário, não é surpreendente, porque sentia que tinha de ser capaz de responder a todas as perguntas dos meus amigos.

Um dia, ouvi um anúncio na igreja de que iria haver um campo vocacional na semana a seguir à Páscoa, no centro distrital da missão. Pensei que poderia ser interessante. Assisti e antes de regressar a casa tive a minha primeira conversa com um sacerdote. Ele explicou-me que a formação no seminário menor poderia trazer clareza sobre a minha vocação e eu inscrevi-me.

Passei cinco anos no seminário menor. Continuei os meus estudos no seminário maior de filosofia, sempre com essa sede de conhecimento, que foi o que me manteve lá. Mas os meus dois anos de estágio pastoral, de 2018 a 2020, mudaram tudo. Foi uma experiência impressionante de serviço gratuito. Senti uma alegria inigualável de serviço, uma vida de amor, um espírito único de fraternidade com os meus professores e paroquianos. Tudo isto fez-me compreender o significado da minha vocação, apesar da solidão que parece haver no sacerdócio. Sentia-me feliz, mesmo depois de um longo dia de trabalho. Nunca tinha sentido isso antes.

No entanto, precisamente nessa altura, a minha irmãzinha, que tanto amo, reprovou nos exames e fez-me pensar se eu não tinha fugido da minha responsabilidade, se o meu lugar não era com a minha família que precisava de mim. Além disso, eu estava frequentemente doente. Sofria em silêncio, tudo me custa muito e contava



Ordenação sacerdotal na Diocese de Miarinarivo em 2021.

Cerca de 280 seminaristas recebem formação sacerdotal em Madagáscar graças à ajuda da Fundação AIS.

cada minuto que passava. Isso afectou o meu interior e desanimei. Foi uma experiência difícil em que me pareceu que o mundo estava fora do sítio, mas tudo acabou bem.

A minha vocação foi uma experiência de encontro com o Senhor que se foi revelando pouco a pouco. Como agradecimento, quero dedicar toda a minha vida, tudo o que sou, a ajudar outros a encontrarem-se com Deus e a avançar no seu caminho de fé. Posso alimentar e aprofundar os meus conhecimentos, mas no fim o que realmente importa é conhecer Jesus no nosso interior. É o presente que dou aos outros quando faço o meu trabalho pastoral, a alegria da mensagem do amor de Deus. Isto está tão profundamente enraizado no meu coração que demoro quatro horas a preparar as sessões de catequese.

Rezem pelos seminaristas de Santa Teresa do Menino Jesus, em Faliarivo, Antananarivo, Madagáscar.



R. D. CONGO



“Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor.”

(Mt 9, 36)

O meu nome é **Blaise Pascal** e sou estudante no Seminário João Paulo II, em Kinshasa, na República Democrática do Congo.

A primeira vez que pensei na minha vocação foi quando era acólito numa missão pastoral com o vigário da minha paróquia na aldeia. Acompanhei-o para ministrar os sacramentos e chegámos a uma aldeia que ficava a mais de 50 km da paróquia. Os cristãos vieram de longe para acolher o padre.

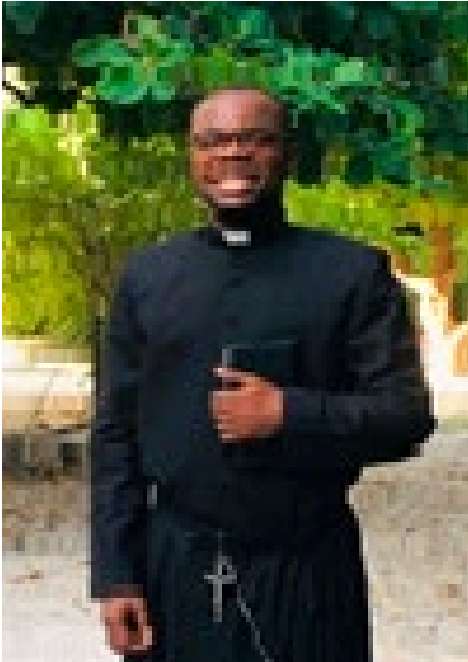
O que despertou a minha vocação foi o grande lamento e tristeza dos cristãos quando chegámos. Tinham passado 10 anos desde que tinham visto um padre. Isso também significava que tinham passado 10 anos sem a celebração da Ceia do Senhor. A partir desse momento, tomei a firme resolução de me tornar padre. Disse a mim mesmo, não é só esta aldeia que sofre por falta de padres, mas muitas outras. Assim que voltámos daquela missão, disse à minha mãe que seria padre.

Quero estar perto daqueles que precisam de um servo do Senhor. No ministério pastoral, o maior dom que um seminarista ou padre pode levar aos outros é o amor de Cristo. Ainda estou no período de formação e, portanto, bastante longe no processo de o realizar e de encontrar o meu caminho. No entanto, aguardo com expectativa o dia em que serei ordenado e receberei a batina para ser um servo de Cristo.

Peço-vos que rezeis pela minha vocação e pela de todos aqueles que precisam e desejam levar a presença de Deus para os lugares mais remotos do meu país.

Blaise Pascal é um dos cerca de 600 seminaristas da República Democrática do Congo que recebem apoio da Fundação AIS para a sua formação.

HAITI



***“Mas eu confio em
Ti, Senhor”***

(Sl 31, 15)

Eu sou **Ekenley Jean-Noël**, nascido em Port-de-Paix, uma pequena cidade no noroeste do Haiti. Sou religioso monfortino, estudante de Teologia e continuo a minha formação inicial com o objectivo de ser padre. Como é que aqui cheguei? Venho de uma família cristã católica. Tive a sorte de crescer na região onde os Missionários Monfortinos iniciaram a sua missão no Haiti, há 150 anos. Fiquei logo impressionado com o modo de vida destes “bons pais”, como são normalmente chamados na região, devido à sua dedicação ao serviço dos outros, especialmente dos mais fracos. Eu tinha 16 anos quando pensei seriamente sobre o que queria fazer da minha vida. E então, a resposta foi rápida: “Eu quero ser padre”. Incompreensível! Inexplicável! Foi o que disseram a minha família e amigos. Encontrei imediatamente o apoio da minha família, mas era mais difícil para os meus amigos que pensavam que eu tinha de “fazer outra coisa melhor”.

Sou movido pelo desejo de ser uma voz que anuncia a mensagem do amor de Deus, o desejo de ser ouvido por aqueles que não têm ninguém para os ouvir, o desejo de anunciar uma esperança brilhante neste mundo que desanima tantos, o desejo de estar em silêncio no meio da agitação deste mundo, o desejo de lutar pelo triunfo do bem.

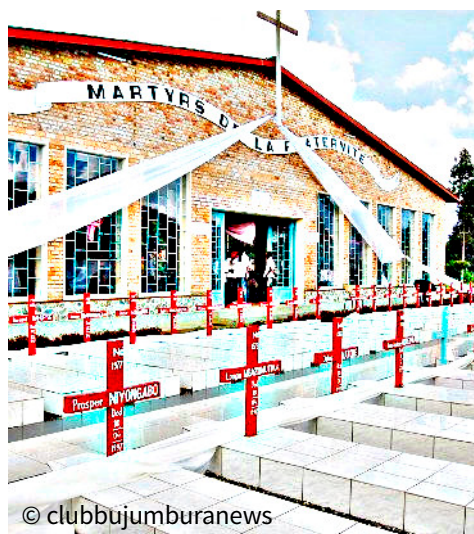
A vida no seminário é uma vida cheia de oportunidades e alegrias, mas também cheia de dificuldades. Isto numa altura em que uma grande crise social, política e económica está a devastar o Haiti, o meu país: catástrofes naturais, instabilidade política, corrupção, insegurança, raptos, já para não falar da pandemia. Há anos que se verificam situações tristes. Os desafios são numerosos e também consideráveis: crise da fé, decadência da cultura de valores, materialismo excessivo, egoísmo, etc. Posso realmente mudar alguma coisa? Devo desistir? Sei que posso não ser capaz de mudar muito, mas quero estar entre aqueles que continuam a fazer pequenos gestos para anunciar o reino de Deus, um reino de paz, justiça e amor. Então, vivo todos os dias a minha vocação perguntando-me: Estou no caminho que o Senhor traçou para mim? Esforço-me constantemente por encontrar tranquilidade interior. Mas, acima de tudo, confio no meu Deus. A minha resposta hoje é: “Digo sim ao caminho da vida religiosa e do sacerdócio, que o Senhor me leve pela mão e me acompanhe”.

Rezem por mim e por todos os meus companheiros do seminário no Haiti.

**A Fundação AIS apoia no Haiti a formação
de 16 seminaristas monfortinos.**



BURUNDI



© clubbujumburanews

“Ó malvado, tu arrebatas-nos a vida presente, mas o rei do universo há-de ressuscitar-nos para a vida eterna, se morrermos fiéis às suas leis.”

(2 Mac 7, 9)

Os mártires da fraternidade: “Queriam separar-nos mas não conseguiram”

O seminário menor de Buta está situado a 106 km de Bujumbura, a capital do Burundi. Na capela há pinturas dos 40 seminaristas mortos naquele dia. Ao lado da capela estão as suas sepulturas sob um grande sinal: *Les martyrs de la fraternité* (Os mártires da fraternidade).

A violência entre os grupos étnicos Hutu e Tutsi no Burundi tinha começado a forjar-se em 1962, um legado do passado colonial. Desde então, começou um terrível conflito étnico que cobriu de sangue este belo país. Hoje, perpetuam-se a dor e as feridas.

Perante a intensa violência no país, os seminaristas de Buta, no início do ano lectivo de 1997, pensaram em regressar às suas aldeias para morrer perto dos seus pais. O reitor, pensando que ali estariam mais seguros, persuadiu-os a ficar. Para que a divisão étnica não se enraizasse entre os seminaristas, os formadores conceberam um processo pedagógico de integração através do desporto, música, dança, trabalho de grupo, reflexão e oração, procurando a solidariedade e a fraternidade, e evitando a polarização.

Na madrugada de 30 de Abril, chegaram mais de 1000 rebeldes, liderados por uma guerrilha, que dispararam armas de longo alcance. A maioria dos 250 seminaristas conseguiu escapar pelas janelas dos quartos do segundo andar e fugiu pelo campo, mas **um grupo de seminaristas entre os 14 e os 21 anos** não conseguiu escapar, eram cerca de 50. Os rebeldes chegaram a esse dormitório. Um guerrilheiro que estava à porta chamou-os para fazer mal aos jovens, mas foi morto no local.

A ordem dada pelo líder da guerrilha era que os seminaristas fossem divididos por etnia, Hutu de um lado e Tutsi do outro. Uma vez separados, queriam torturar e eliminar os Tutsi. Os seminaristas, lado a lado, deram as mãos e disseram: **“somos todos irmãos, filhos do mesmo Deus e também do mesmo país, o Burundi”**.



©lwacu

Os guerrilheiros, procurando quebrar a sua resistência até à denúncia, ameaçaram matá-los. Eles mantiveram-se firmes. O massacre foi brutal, com tiros de espingarda e uma granada.

Um pequeno grupo conseguiu fugir no meio da confusão. Outros, protegidos sob os cadáveres dos seus amigos, foram poupados à morte. Um jovem relatou mais tarde como um amigo seminarista, ao cair gravemente ferido o cobriu deliberadamente para evitar que fosse morto.

Após o massacre, os rebeldes deixaram o local. O reitor pôde sair do seu quarto e correu para o local da imolação. **Ali encontrou uma visão dantesca, corpos mutilados e alguns dos seus queridos alunos em agonia.** Aproximou-se deles. Um, antes de morrer, disse-lhe: “Pai, queriam separar-nos, mas não conseguiram”. Outro, ao expirar, afirmou: **“A morte vem, mas a vitória permanece”.**

Rezemos para que o sangue dos seminaristas mártires do Burundi sejam semente de uma colheita abundante de vocações no país.



UGANDA



“É em nome de Cristo, portanto, que exercemos as funções de embaixadores e é Deus quem, por nosso intermédio, vos exorta.”

(2 Cor 5, 20)

Zimbe Lawrence, juntamente com aproximadamente 200 seminaristas, recebe ajuda da Fundação AIS para a sua formação sacerdotal, no Uganda.

O meu nome é **Zimbe Lawrence** e vou fazer 30 anos em Abril. Sou um ugandês da Arquidiocese de Kampala. Estou no segundo ano de Teologia no Seminário Maior de São Mbaaga, em Ggaba. O meu desejo de ser padre começou quando eu tinha 8 anos. O meu primo acompanhou-me à Missa na igreja paroquial. Foi a primeira vez que vi uma igreja tão grande e fiquei surpreendido com a sua magnificência e beleza. Foi na Missa de Natal do ano 2000. Do fundo, contemplei a igreja lindamente decorada, que me fez lembrar ‘o Céu’ de que a nossa mãe nos falava em casa. Havia velas acesas e flores brilhantes no santuário onde o sacerdote, que eu pensava que era Deus, estava sentado com umas crianças, que eu pensava que eram anjos. Quando voltámos para casa, contei à minha mãe que tinha visto o Céu, Deus e os anjos. Ela explicou-me: aquele que eu pensava que era Deus era um padre, o Pe. Kato Augustine (que descanse em paz) e as crianças que eu pensava que eram anjos eram acólitos. Perguntei-lhe se eu podia ser como aqueles acólitos. Ela disse que sim e que também era possível ser como o Pe. Augustine. Foi o início da minha vocação para o sacerdócio, ser como o Pe. Augustine, foi isso que desejei toda a minha vida até hoje: ter a piedade que vi no Pe. Kato Augustine.

Entrei numa escola primária que ficava perto da paróquia e tornei-me acólito. Depois, tentei entrar para o seminário menor de Kisubi, mas a minha família não podia pagar as propinas escolares. Estava desanimado porque alguns dos meus colegas tinham entrado para o seminário menor e eu não. Perguntava-me se Jesus me tinha abandonado. Mas o meu pároco encorajou-me e disse-me que era possível entrar mais tarde no seminário e juntar-me ao seminário maior de São Mbaaga. Prometeu-me acompanhar-me e isso deu-me esperança. Fui admitido na escola secundária fundada na paróquia e estudei até ao sexto ano.

No ano da morte do meu pai, em 2012, perdi novamente a esperança devido à falta de meios financeiros. Rezei a Deus para que cuidasse dos meus estudos e da minha vocação. No ano seguinte, o director da escola aproximou-se de mim e disse-me que o pároco tinha pedido uma bolsa de estudo à escola, aliviando-me do fardo do pagamento das propinas escolares. Senti os cuidados de Jesus. Na escola primária falava com Jesus como com o meu irmão. Sentia-me como um filho da Sua Mãe, a Santíssima Virgem Maria. Com a morte do meu pai, pedi a Jesus para ser meu pai e para assumir os deveres do meu pai que já não estava presente. Sempre que preciso de alguma coisa, primeiro peço a Jesus em oração antes de pedir aos outros.

Sou o primeiro da minha família a seguir o sacerdócio. Quero dedicar a minha vida a Deus para chegar ao povo de Deus, que anseia que os padres recebam os sacramentos salvíficos da Igreja. O presente que levo aos outros é a alegria de Cristo. Onde quer que eu vá, as pessoas reconhecem-me como um embaixador de Cristo e sentem a presença do servo de Deus, que também lhes recorda o caminho dos preceitos do Senhor.

Por favor, rezem por todos os seminaristas do Uganda.



TANZÂNIA



“Não só a de nele acreditar, mas também a de sofrer por Ele, assumindo o mesmo combate que vistes em mim e de que agora ouvis falar a respeito de mim.”

(Fl1, 29-30)

A formação sacerdotal de Edtraud Eddy Haule, assim como a de outros seminaristas na Tanzânia, é possível graças ao apoio da Fundação AIS.

O meu nome é **Edtraud Eddy Haule**, tenho 26 anos e venho de Ludewa, na Diocese de Njombe, Tanzânia. A minha língua materna é o Kikisi, mas também falo kiswahili e inglês. Tenho quatro irmãos e uma irmã. Sou estudante do terceiro ano de Teologia no Seminário de Santo Agostinho, em Peramiho.

O meu pai era professor na escola, mas agora está reformado. Ele próprio já foi seminarista, por isso sabe bem o que significa a minha vocação. Desde que revelei o meu desejo de me tornar padre, ele esteve sempre presente para me ajudar. Lembro-me que quando ainda estava na escola primária ele costumava acordar-me todos os dias para que eu pudesse ir à Missa da manhã, onde eu costumava servir como acólito. A minha mãe também insistiu muito na oração. Até hoje, eles encorajam-me neste caminho.

A razão principal da minha vocação é seguir Deus, que dá sentido a tudo o que faço, e proclamar a obra de salvação de Cristo às pessoas através do ministério sacerdotal. Entre o trabalho pastoral que faço está a catequese aos funcionários do seminário, das escolas primárias vizinhas e da escola de enfermagem de Peramiho.

Não estamos apenas preocupados com o desenvolvimento material dos nossos funcionários do seminário, mas também com o seu crescimento espiritual. Damos-lhes o dom do crescimento holístico, porque os seres humanos precisam não só de educação secular mas também de educação religiosa, o que lhes permite viver a vida moral certa que é indispensável para o crescimento integral da sociedade.

A adaptação do caminho anterior à nova vida de seminarista não é fácil. Ao entrar no seminário, somos frequentemente separados dos nossos amigos íntimos anteriores e, por vezes, sofremos um período de solidão. A outra grande dificuldade é financeira: os seminaristas precisam de esforçar-se para satisfazer as necessidades materiais durante a formação.

A sociedade pluralista tem muitas necessidades e desafios que exigem ajuda. Através do trabalho pastoral, podemos ajudar as pessoas a conhecer Deus, que dá sentido ao que fazemos. Através da Palavra de Deus, partilhamos e oferecemos cura e apoio nas crises políticas, sociais ou económicas que afectam o nosso povo. Sinto que o seminário é como um treino para nos tornarmos “outro Cristo”, como os apóstolos de Jesus que foram treinados pelo próprio Jesus durante três anos antes da sua ascensão ao Céu.

Agradeço a vossa oração por mim e pelos meus colegas no seminário.

MALÁUI



“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe.”

(Mt 9, 37-38)

O meu nome é **Peter Kelvin Makina**. Sou estudante no Seminário de São Pedro em Zomba, Maláui. A minha história vocacional começou quando eu tinha 9 anos. Havia um sacerdote italiano, um missionário comboniano, que na altura servia na minha paróquia, a Paróquia de São João. Admirava a forma como celebrava a Missa, na língua Chichewa com o seu sotaque italiano, e admirava as suas vestes litúrgicas.

Através desta admiração comecei a acolitar na Missa, querendo aprender mais com este missionário. Isto fez-me nunca faltar à Missa dominical. O sacerdote italiano visitava e inspirava os acólitos, encorajando-nos a tornarmo-nos padres.

Explicava-nos que há muitas pessoas que precisam urgentemente de ouvir a Palavra de Deus, mas que as que pregam a Boa Nova são poucas. Portanto, eram necessárias mais pessoas para servir como sacerdotes na Igreja. Isto alimentou a minha vocação ao sacerdócio. Decidi entrar no seminário devido a essa paixão de servir e ser um servo de Deus, através da pregação da Boa Nova e de levar as almas das pessoas ao Criador, Deus.

Na minha família não há semente de vocação religiosa. Se Deus quiser, eu serei o primeiro. É um dom ver que durante o trabalho pastoral podemos partilhar com as pessoas o amor de Deus, acompanhar e lidar com todos, e posso ensinar-lhes sobre a fé católica.

Mas nem tudo é fácil neste caminho, nem todos os meus parentes estão satisfeitos com a minha decisão de me juntar à formação sacerdotal. Esta pressão às vezes é muito forte e faz-me pensar em abandonar o caminho, mas tenho ajuda de amigos e sinto-me encorajado e apoiado quando partilho o problema.

Rezem por todos os seminaristas do Maláui!

No Maláui, vários seminaristas avançam na sua formação para ser sacerdotes graças aos donativos dos benfeitores da Fundação AIS.



R. D. CONGO



*“Tu és a minha
esperança, ó Senhor
DEUS, e a minha
confiança desde
a juventude.”*

(Sl 71, 5)

Hubert, juntamente com outros 600 seminaristas da República Democrática do Congo, beneficia da ajuda que a Fundação AIS proporciona para a sua formação sacerdotal.

O meu nome é **Hubert** e nasci numa aldeia da Diocese de Luiza, na República Democrática do Congo. Aí frequentei a escola primária. Fui baptizado em criança e juntei-me a um grupo de jovens que frequentaram aulas de catecismo, graças à dedicação do meu catequista de aldeia que me preparou para a Primeira Comunhão aos 12 anos.

Uma vez, na aula de catequese, a que assistia uma vez por semana, perguntei ao catequista porque é que o padre não vivia na nossa aldeia para que pudéssemos receber a comunhão todos os dias. O catequista respondeu: “Uma vez que a nossa comunidade ainda não enviou nenhum jovem para o seminário para se tornar padre, é difícil para nós celebrarmos a Eucaristia como gostaríamos.” E acrescentou: “Presta atenção à oração que recitarei no Domingo quando nos reunirmos na ausência do sacerdote”. E assim foi. No final do seu breve comentário à leitura do Evangelho de Domingo, o catequista introduziu a segunda parte da oração da assembleia como se segue: “Se tivéssemos um sacerdote entre nós, poderíamos ter recebido a comunhão do corpo e do sangue do Senhor”.

Estas respostas do catequista despertaram em mim o desejo de me tornar sacerdote. Mas as dificuldades em falar com os meus pais cristãos e, sobretudo, em convencê-los da seriedade da minha intenção eram enormes. Antes de mais na minha família; eu sou o segundo filho e era inconcebível que o meu pai me permitisse entrar no seminário. Como nunca tinha frequentado uma escola no centro paroquial, tinha um certo complexo de inferioridade em relação aos jovens da paróquia que estavam habituados a lidar com os padres, conheciam o ritual da Missa e os outros sacramentos. Além disso, as dificuldades financeiras foram um sério obstáculo, dadas as humildes condições de vida dos meus pais, que são camponeses e tiveram sete filhos, todos em idade escolar. No entanto, a minha perseverança, por fim, convenceu o meu pai da seriedade da minha vocação. Assim, candidatei-me ao seminário propedêutico de São Leão Magno em Luiza. Depois de passar um teste de admissão, fui aceite e isso encorajou-me muito. Agora, já passaram cinco anos desde que parti para o caminho do sacerdócio. Passei com sucesso os três anos de Filosofia no seminário na província de Lomami. Lá, passei todo o ano académico no seminário longe da minha diocese e da minha família, devido à falta de recursos financeiros para pagar o transporte de e para o seminário durante as férias do Natal e da Páscoa. É um desafio para os meus pobres pais angariar o dinheiro necessário para contribuir para a minha formação, apesar do apoio e dos sacrifícios da nossa diocese. Os meus pais fazem enormes sacrifícios em detrimento do meu irmão e irmãs. No entanto, apesar destas dificuldades materiais, continuo no meu caminho, animado por uma esperança justificada de alcançar o meu objectivo: o de me tornar padre para que uma comunidade de crentes em Luiza tenha a oportunidade de receber verdadeiramente o corpo e o sangue de Cristo todos os dias e não apenas a comunhão “de desejo”. Para este fim, confio-me ao Senhor e à Sua divina providência.

Rezem pelos seminaristas da República Democrática do Congo.



LÍBANO



***“Jesus respondeu: ,Se
queres ser perfeito, vai,
vende o que tens, dá o
dinheiro aos pobres e
terás um tesouro no Céu;
depois, vem e segue-me.”***

(Mt 19, 21)

A Eparquia maronita de Baalbek - Deir El Ahmar, em Beqaa, recebe o apoio da Fundação AIS para a formação de 8 seminaristas.

O meu nome é **Tony Wadih Kayrouz**, acabo de concluir a minha formação teológica de cinco anos no Seminário Santo António de Pádua, Karem-Saddeh. Este ano é o meu ano pastoral na Universidade do Espírito Santo Kaslik. Também sou licenciado em Informática e Matemática pela Universidade Libanesa. E antes de entrar no seminário tive sete anos de experiência no campo das tecnologias de informação, tais como desenvolvimento de software e web.

Nasci e fui criado numa família cristã de quatro irmãos e cinco irmãs, com um pai que serviu a Deus e à Igreja desde a sua juventude. O meu pai encorajou-me a servir o Senhor no templo com ele desde a infância. Cresci assim num ambiente cristão, pois nasci numa aldeia libanesa de grande tradição e fidelidade a Cristo. Chama-se Bcharre, ou Bsharri, e a sua história respira o cheiro do incenso perfumado e a santidade do vale de Qadisha. O vale sagrado de Qadisha é o lar de algumas das mais antigas comunidades monásticas cristãs do Médio Oriente, uma verdadeira herança do Cristianismo maronita no Médio Oriente. A minha família transmitiu-me tudo o que herdou da fé e do amor, para servir sempre os outros.

Bsharri é a cidade onde os cedros bíblicos são preservados, os cedros sagrados do Líbano, os únicos originais que restam. Bsharri é por vezes chamada “a cidade das igrejas”, uma vez que é o lar de cerca de 37 igrejas. A cidade também possui a maior catedral da região, a Catedral de São Sebastião. É também o local de nascimento do famoso poeta, pintor e escultor Khalil Gibran.

Vivi uma ligação estreita com a igreja e com o pároco da cidade - Pe. Charbel. As minhas raízes transmitiram-me o espírito e a cultura dos eremitas e monges enraizados nas nossas tradições e nas nossas almas: o culto da Eucaristia, o amor à leitura da Bíblia, reflexões sobre a vida dos santos e a oração mística. Não há nada de importante na vida, nenhum êxito, sem uma vida de oração; oração constante e sincera, oração que nos enfatiza o facto da Sua majestosa presença.

A certa altura da minha vida, compreendi a importância desta espiritualidade adquirida e semeada no meu espírito de criança. Uma nova natureza, com plena consciência e confiança na existência de Deus, nasceu na minha vida e fez-me ouvir muito claramente o seu apelo: “Deixa tudo. Vem e segue-me.”

Jesus Cristo é uma pessoa - e por isso só pode ser compreendido e proclamado através de pessoas que reflectem amor, fé e esperança - esse facto inspirou-me a querer servir os crentes e o desejo de me consagrar totalmente ao Senhor no sacerdócio. Peço a Deus Todo-Poderoso que vos cumule com as Suas bênçãos.

Agradeço-vos antecipadamente pela vossa ajuda e apoio, a mim e à minha vocação, e peço a Deus que vos proteja, para que sejais sempre portadores fiéis em Cristo.

PERU



“De nada vos serve levantar muito cedo e trabalhar pela noite dentro, para comer o pão de tanta fadiga, pois, até durante o sono, Ele o dá aos seus amigos.”

(Sl127, 2)

Sou **Brayan Jair Olortegui Inca** e tenho 23 anos. Venho da comunidade de José Olaya Balandra, situada em Ventanilla-Callao. A maioria das pessoas que lá vivem são migrantes do interior do Peru, que trabalham muitas horas por dia para sobreviver. A minha família também teve de trabalhar arduamente, porque somos pobres e precisamos de dinheiro para sobreviver. Quando tinha 13 anos, comecei a trabalhar com o meu pai numa churrasqueira a lavar pratos, e com o que ganhava pagava as minhas despesas (material escolar, uniforme escolar, roupa, etc.) e assim ajudava os meus pais.

Conheci a Igreja quando tinha 15 anos, o que me ajudou porque nessa altura estava a atravessar tempos difíceis, não só por causa da pobreza em casa, mas também por causa da rebeldia com que enfrentava os meus pais.

Estar na Igreja tem-me ajudado a encontrar Deus, mesmo nos momentos mais difíceis. Além disso, estar rodeado por muitas pessoas (que são como uma família) com o mesmo sofrimento que o meu, abriu-me os olhos para ver o sofrimento dos outros e não me concentrar apenas no meu próprio sofrimento.

Deus estava à minha espera. Antes de O conhecer, acreditava que tudo podia ser alcançado através do trabalho e do esforço árduo, mas não. Sem eu fazer nada, Deus deu-me aquilo que nunca teria sido capaz de alcançar através dos meus próprios esforços: dar sentido à minha vida. Para mim, a vida costumava ser trabalhar para ganhar dinheiro e viver confortavelmente sem quaisquer dificuldades ou sofrimento.

Neste momento, estou no terceiro ano de filosofia e no quarto ano de seminário. Posso dizer que não me arrependo de ter deixado tudo. Em 2020, o meu outro irmão também entrou num seminário. Deus não só me consolou quando eu estava a sofrer, mas deu-me momentos reais de felicidade, não só a mim mas também à minha família. Sou testemunha de que, quando saí de casa, Deus tomou o meu lugar, abençoou a minha família e deu-lhes mais do que eu lhes poderia ter dado, não só materialmente.

Rezem pelas vocações do Peru!

Brayan Olortegui recebe, juntamente com outros 80 seminaristas do Callao, apoio da Fundação AIS para a sua formação.



ESPAÑHA



“O Senhor, que tem a ciência santíssima, vê bem que, podendo eu livrar-me da morte, sofro no meu corpo os tormentos cruéis dos açoites, mas suporto-os com alegria, porque é a Ele que eu temo.”

(2 Mc 6, 30)

“Disseram-nos que podíamos viver se despíssemos a batina, mas eu quero morrer de batina”

Entre 1931 e 1939, uma terrível perseguição religiosa caiu sobre a Igreja Católica em Espanha, provocando mais de 10 mil mártires, dos quais 2.053 foram declarados publicamente santos (12) e beatos (2.041). Bispos (13), sacerdotes (4.184), seminaristas, consagrados e leigos deram um testemunho supremo de amor a Cristo em todo o país. Entre eles estão os mártires de Barbastro, na província de Huesca, no norte de Espanha. Setenta e nove religiosos e sacerdotes foram executados nesta cidade.

Entre eles estavam 41 seminaristas da congregação claretiana, quase todos com idades compreendidas entre os 21 e os 25 anos. Morreram por Cristo, por pregar a paz e defender a sua fé e vocação. Escreveram cartas de despedida comoventes às suas famílias e à congregação em involucros de tablete chocolates, lenços ou na madeira de um banco de piano. Mensagens impactantes. Um escreveu: “Disseram-nos que podíamos viver se despíssemos a batina, mas eu quero morrer de batina.” E outro: “Querem que peguemos em armas. Aqueles de nós que são servos de Cristo só podem pregar a paz, nunca iremos lutar.” Um seminarista que estudava chinês escreveu a um colega seminarista que ia à China: “Como não posso ir à China, como sempre desejei, ofereço o meu sangue pelas Missões na China.”



43 seminaristas claretianos foram presos e detidos pelas forças republicanas. Apenas dois, que eram cidadãos estrangeiros, foram poupados, os quais guardaram as cartas escritas pelos seus irmãos mártires.

Os seminaristas e padres foram detidos na sala de um edifício vizinho. O tratamento que receberam foi brutal, aumentando à medida que os dias foram passando. Para além do calor sufocante, alimentação deficiente e falta de higiene, foram maltratados com palavras e actos. Os seminaristas rezaram. O cozinheiro trouxe-lhes a comunhão às escondidas. Vinham buscá-los por grupos. Quando ainda havia 21 seminaristas na sala, foi-lhes dito que seriam fuzilados nessa mesma noite (13 de Agosto de 1936), Faustino Pérez escreveu uma carta em nome de todos. Os outros assinaram-na, cada um acrescentando o seu último desejo espiritual. Estava escrito em invólucros de tablete de chocolate. Dois seminaristas argentinos, que foram salvos no último momento porque eram estrangeiros, levaram-na consigo, escondida na roupa.

O último parágrafo da carta diz: “Todos morremos felizes sem ninguém sentir desânimo ou tristeza: todos morremos a rezar a Deus para que o sangue que caia das nossas feridas não seja sangue vingador, mas sangue que, entrando vermelho e vivo pelas vossas veias, estimulará o vosso desenvolvimento e expansão por todo o mundo. Os mártires de amanhã, dia 14 de Agosto, lembram-se que morrem na véspera da Assunção. E que memória! Morremos por usar a batina e morreremos precisamente no mesmo dia em que nos foi imposta.”

Rezemos para que haja seminaristas zelosos em Espanha.

Fonte: ACN Internacional, Conferência Episcopal Espanhola, Missionários Claretianos.

NICARÁGUA



*“Apelei a ti,
SENHOR, meu Deus,
e Tu me curaste.
Senhor, livraste
a minha alma da
mansão dos mortos,
poupaste-me a vida,
para eu não descer
ao túmulo.”*

(Sl 29, 3-4)

Cerca de 60 seminaristas do Seminário Maior de São Pedro Apóstolo, na Nicarágua, recebem ajuda da Fundação AIS para a sua subsistência.

O meu nome é **Osman Jassiel Ruiz Solís**, tenho 24 anos, venho da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe em Tola, Rivas.

A minha história vocacional começa quando eu era muito jovem. Na minha infância, a capela do meu distrito estava em construção e, juntamente com o trabalho e esforço de todas as pessoas do lugar na construção do pequeno templo, uma vocação estava também a ser construída em mim. Nesses anos, o padre só vinha uma vez por mês para celebrar a Missa, e vê-lo assim vestido e a pregar sempre me deixava curioso. O meu pai foi ministro da Palavra e o seu testemunho, a educação que me deu, juntamente com a minha mãe e o seu trabalho na igreja, fez germinar em mim a pequena semente da vocação. Sempre me educaram na fé e nos valores cristãos.

A influência do meu ambiente e os meus receios sobre como lidar com a ideia de ser padre, que era “não convencional”, fez-me querer fugir e procurar a minha realização pessoal de uma forma “normal”. Optei por uma carreira. Estava realmente à procura de uma fuga para esquecer essa “ideia louca da infância” e ter uma vida “normal”. A experiência universitária deu-me a oportunidade de fazer novos amigos, de experimentar o namoro, de ter mais responsabilidade em termos de estudo.

No segundo ano de estudo estava determinado a deixar tudo para trás e a fazer uma experiência vocacional, mas não sabia como, pois não tinha orientação espiritual. Fui falar com o meu pároco, que me aconselhou a terminar a universidade ou pelo menos a terminar o ano restante. Tive coragem de contar à minha família. O meu pai era o mais receoso e disse-me: “Essa decisão implica muita seriedade, porque se trata de servir a Deus e Deus não pode ser servido sem convicção”, mas se era a minha decisão que ele respeitava, eu sentia-me apoiado e entusiasmado.

Quando tomei a decisão, desisti do meu namoro, dos meus estudos e da minha família. Finalmente cheguei ao seminário menor de São Vicente de Paulo, ainda com muitas dúvidas e incertezas e interrogando-me se teria valido a pena deixar tudo para trás. Juntamente com estas dúvidas senti um grande entusiasmo. Posso dizer que foi aí que tive a minha primeira experiência de amor, já que anteriormente tinha oscilado mais entre dúvidas do que certezas. Pela primeira vez, senti a certeza de ser chamado.

Um desafio que surge durante a formação são as dificuldades económicas. Actualmente, com as crises sociais e políticas, e a pandemia, a economia familiar, da qual depende o apoio financeiro da formação, é afectada. As experiências vividas nos últimos anos, no contexto das realidades sociopolíticas da Nicarágua e da pandemia global, levaram-nos a exercer a missão de uma forma diferente, mas sempre com o mesmo entusiasmo.

Rezemos por nós, rezemos pela Nicarágua.

R. D. CONGO



“Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.”

(Jr 1, 5)

No grande Seminário Interdiocesano de Mayidi, cerca de 130 seminaristas recebem o apoio da Fundação AIS para a sua formação.

O meu nome é **Ndeti Salem**, sou estudante de Teologia do segundo ano no Seminário São João XXIII, em Kinshasa, República Democrática do Congo. Creio que a história da minha vocação me precede no tempo, não sei onde está o detonador desta história de amor e renovação que é a vocação. Posso seguir as memórias mais distantes desse apelo até ao momento em que a nossa parcela de terra se tornou a sede de uma comunidade activa eclesial de base. Eu tinha então 7 ou 8 anos de idade.

Lembro-me de uma quinta-feira estar a ler a Bíblia na língua Lingala em voz alta através dos óculos da minha avó. Não me lembro da passagem exacta, mas as outras crianças estavam a brincar lá fora, a olhar para mim e a sorrir. Alguns deles chamaram-me *Ndeti kaka sango* (o que significa, Ndeti é um padre). Tornei-me um amante das Sagradas Escrituras, especialmente do Antigo Testamento. Toda a vizinhança pensou que eu seria padre. Houve momentos - não apenas um - que me levaram a estar convencido de que esta era a minha vocação.

No final de uma sessão de curso no quarto ano de Humanidades, um colega da paróquia vizinha sugeriu-me que me juntasse a ele num retiro que estava a ter lugar no seminário, apesar de não me ter inscrito antes. Eu nunca tinha confiado as minhas preocupações espirituais ao meu amigo porque queria ser discreto, mas ele convidou-me. E esse foi o início de uma história que me trouxe até aqui. Este amigo não continuou, mas Deus agiu através dele para me mostrar o caminho para o seminário.

Este caminho nem sempre é direito, há altos e baixos. Mas estou convencido de que o amor de Deus irá curar as feridas da minha existência. Desta forma, poderei então curar as feridas espirituais, sociais e culturais dos meus irmãos e irmãs com o seu Amor total. Quero ajudar a construir um mundo novo.

Nas minhas várias experiências pastorais, ajudo através do dom da escuta. É importante compreender o mundo dos outros, especialmente o mundo dos jovens. Nós, seminaristas, temos por vezes dificuldade em adaptar a formação do sacerdote típico que a Igreja nos oferece às realidades do nosso mundo: consumismo, poder sobre o ser, hiper-erotização, o mundo digital, o choque da liberdade e, por vezes, regras muito restritivas. Além disso, a espiral de actividades que o padre tem de levar a cabo traz consigo o risco de nos tornarmos meramente sacerdotes “externos”.

A alegria que se sente com os outros é a marca de uma Igreja sinodal na qual, se Deus quiser, o seminarista trabalhará para a santificação do mundo. É um prenúncio de como será a sua vida como padre: estar com e para os outros. Embora o sacerdócio seja uma história pessoal, é sempre vivida para a glória de Deus e a salvação do mundo.

Continuem a apoiar os eminaristas com a vossa generosidade e orações.



UCRÂNIA



***“Calçado os pés
com a prontidão
para anunciar o
Evangelho da paz”.***

(Ef 6, 15)

**A Fundação AIS
apoia cerca de
200 seminaristas
do Seminário
Interdiocesano de
São Josafat, em
Ivano-Frankivsk.**

O meu nome é **Roman Seniv**, mas no mosteiro os irmãos chamam-me Joseph. Escolhi este nome após o meu primeiro ano na Ordem de São Basílio Magno (OSBM), quando tomei o hábito de monge em Krehiv.

Antes de entrar para a ordem, eu era professor do ensino secundário e de informática, por isso às vezes ajudo os meus irmãos no mosteiro com os computadores. Estou no terceiro ano no Instituto Basiliano de Estudos Filosóficos e Teológicos, com o nome de Yosyf Veliamyn Rutsky, em Briuhovychi. Já terminei Filosofia, agora estamos a estudar Teologia e Bíblia com mais profundidade.

Vivemos de acordo com as regras da nossa ordem e as regras do nosso mosteiro. Todos os monges têm algumas obrigações. No Inverno, além de estudarmos, preparamo-nos também para o frio que se aproxima. O solo fica coberto com belas folhas amarelas e vermelhas, mas é necessário removê-las. Além disso, os habitantes das aldeias dão-nos alguns vegetais: batatas, cenouras e beterrabas, e nós guardamo-los na adega. Aos fins-de-semana, algumas pessoas vêm até aqui para rezar recolhidas ou simplesmente para descansar, porque o ambiente é tranquilo, pacífico e há uma floresta nas proximidades.

Há dois anos que trabalho na biblioteca: levo livros aos seminaristas, compro livros novos e classifico os livros que já temos. Eu gosto de trabalhar na biblioteca. Também gosto de estudar. Antes disso, trabalhei nas caldeiras durante dois anos: punha madeira na caldeira e mantinha a temperatura adequada no mosteiro.

No ano passado, tive uma excelente oportunidade de ajudar e acompanhar um dos nossos padres mais antigos, o Pe. Lavrentiy. É uma pessoa de grande nível espiritual e muito forte, que leva a cruz das suas doenças. É um exemplo para mim.

Este ano, tenho uma obrigação de grande responsabilidade. Em ucraniano chama-se “Revnytel” e significa: pessoa diligente e zelosa. Tenho de ser mediador entre os superiores e os nossos irmãos seminaristas. Todos os dias procuro que trabalho precisa de ser feito e nomeio seminaristas para o fazer. Não é fácil e por vezes provoca-me problemas, mas acredito que Deus me ajudará se Ele quiser que eu o faça. Estamos verdadeiramente gratos a todos aqueles que nos ajudam no serviço de Deus e rezamos por eles. Deus vos abençoe! Desejo-vos a todos o bem e a salvação!

Pedimos-vos que nos tenham presentes nas vossas orações.

Juntos rezemos a Nossa Senhora Rainha da Paz pelo fim da guerra na Ucrânia.



LÍBANO



Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo.”

(Actos 2, 47)

A Eparquia maronita de Baalbek - Deir El Ahmar, em Beqaa, recebe o apoio da Fundação AIS para a formação de 8 seminaristas.

O meu nome é **Chady Khoury**. O meu pai é professor de matemática, a minha mãe é dona de casa, e tenho um irmão e uma irmã que estão a estudar. Vivemos numa pequena aldeia chamada Mchaytiyeh, perto de Deir El Ahmar, no nordeste do Líbano. A nossa família vive há seis gerações nesta aldeia que foi fundada por um padre e por isso o nosso apelido é “Khoury” que significa “o padre”. A aldeia tem uma das igrejas mais antigas da região, dedicada a São João Baptista, e cerca de 10 casas que são geralmente casas de agricultores. A nossa região não oferece grandes oportunidades de trabalho.

Após completar os meus estudos no seminário patriarcal maronita em Ghazir-Jounieh, Líbano, e os meus estudos filosóficos e teológicos na faculdade pontifícia da Universidade do Espírito Santo, em Kaslik, fui ordenado diácono e passei ao serviço pastoral na minha diocese.

Trabalho com uma comunidade de vida cristã que reúne semanalmente adolescentes e jovens da mesma paróquia e lhes oferece um modo de vida em comunidade. Coordenamos e organizamos a missão, e asseguramos a formação de líderes. Queremos formar jovens cristãos, missionários. Por conseguinte, as nossas preocupações centram-se tanto nos adolescentes e jovens entre os 13 e 19 anos, como nos líderes (20 - 27 anos) para assegurar um ambiente saudável que permita aos jovens viver a sua adolescência e juventude na alegria, fé e santidade. Temos pouco mais de 300 adolescentes e jovens e cerca de 50 líderes e animadores. Para além de outras actividades e responsabilidades, trabalho no gabinete do tesoureiro geral da arquidiocese na assistência social às famílias pobres.

Pertenço à Igreja Católica Maronita e a nossa tradição dá ao sacerdote a possibilidade de casar, mas apenas antes da ordenação diaconal. Em Outubro de 2020, casei com Nathalie na Igreja de Saint Rafqa, perto de Deir El Ahmar. Nathalie trabalha como supervisora na Escola Nacional Maronita, em Baalbek. Ela está muito interessada no trabalho pastoral e tenta sempre ajudar-me e fazer parte da minha missão.

Depois do nosso casamento, fui obrigado a deixar a minha cidade natal, Mchaytiyeh, para alugar uma casa em Deir El Ahmar, porque não há casas para alugar em Mchaytiyeh. Ainda não fui capaz de construir a minha própria casa, especialmente devido à grave crise económica no Líbano. Além disso, em Junho passado nasceu o nosso primeiro filho e demos-lhe o nome de “Jude”. Durante a situação actual no nosso país, cuidar da minha família, especialmente com um bebé pequeno, e tentar construir a nossa própria casa, tornou-se impossível, mesmo que ambos estejamos a trabalhar. Assim, vi-me forçado a adiar a minha ordenação diaconal, a fim de proporcionar estabilidade permanente à minha família.

Peço as vossas orações pelo meu país, por todos os seminaristas e pelas nossas famílias.



MADAGÁSCAR



“Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.”

(Jo 3, 16)

Graças à ajuda da Fundação AIS, cerca de 70 seminaristas da Diocese de Antsiranana avançam na sua formação sacerdotal.

O meu nome é **Yasy Floriot**, sou estudante de Teologia do segundo ano em Faliarivo Antananarivo. Venho de uma pequena aldeia em Sambava, na Diocese de Diégo-Suarez, no norte de Madagáscar. Sou o único rapaz de uma família de agricultores actualmente não católica. Somos cinco filhos, dos quais eu sou o quarto. Foi assim a minha infância e juventude até aos 16 anos. Juntamente com os meus pais éramos devotos da Tromba, uma crença animista dominante na nossa aldeia naquela época. Neste culto, os espíritos dos antepassados dos reis da grande tribo Sakalava são invocados pelos vivos. É uma verdadeira cultura com os seus hábitos e costumes, rituais e folclore.

Por isso, quando andei no liceu entre 2006 e 2009, estava entre os opositores ferozes que culpavam e ridicularizavam outros estudantes católicos do liceu que, por exemplo, rezavam o terço. Naquela altura, é claro, não pensava ser padre. Como melhor aluno da turma, planeei ser um médico brilhante, dada a falta de pessoal médico na nossa área.

Tive um amigo, um protestante reformado devoto, que tentou repetidamente convencer-me a ir com ele ao seu serviço dominical. Ele até me compôs uma canção a partir dos textos do Evangelho de São João (Jo 3,16) que diz: “Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n’Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.” Foi o primeiro versículo que aprendi e gosto imenso. Comecei a assistir de vez em quando ao culto luterano de Domingo, sem o conhecimento dos meus pais. Mas o meu verdadeiro encontro com o Senhor aconteceu na celebração do sacramento do matrimónio do meu tio, em 2009. Ele já era católico nessa altura e depois, em 2011, tornou-se meu padrinho.

O discernimento da minha vocação foi muito progressivo. Em primeiro lugar, desde o meu baptismo, aos 17 anos, tive de procurar viver verdadeiramente como cristão. Depois tive de compreender que o bom Deus enche e realiza interiormente aqueles que O amam. Por isso, tive de aprender a confiar n’Ele, inclusive colocando nas Suas mãos as minhas dúvidas sobre uma possível vocação. Com a ajuda de um sacerdote, que me aconselhou e guiou, descobri que seria profundamente feliz se servisse o Senhor como padre.

O tempo do seminário ajuda-me muito no meu discernimento, mas só terei a certeza da minha vocação quando o bispo me ungir e colocar as suas mãos sobre a minha cabeça! Estive duas vezes à beira de deixar a formação sacerdotal. Têm sido tempos difíceis para mim, mas felizmente a presença eficaz do meu director espiritual e os seus preciosos conselhos têm-me ajudado. O meu sonho e a minha contribuição pastoral é que todos saboreiem a experiência de ser cristãos, discípulos de Jesus Cristo, incluindo os da minha aldeia natal que não conhecem o Seu santo nome. Louvada seja a Santíssima Trindade.

Rezemos por Madagáscar, pela nossa Igreja e pelo nosso povo.

NIGÉRIA



“O Senhor é bondoso e compassivo; dá sustento aos que o temem e jamais se esquece da sua aliança.”

(Sl III, 4-5)

Eu sou **Kat Ang Noel Fidelis**, nascido e criado em Damaturu, Estado de Yobe, Nigéria. Sou da etnia Fali, indígena do estado de Adamawa. Sou seminarista na Diocese católica de Maiduguri, no nordeste da Nigéria, onde o grupo terrorista Boko Haram devastou várias aldeias e paróquias e sofremos muitos ataques. A minha inspiração para o sacerdócio veio através de encontros pessoais com sacerdotes quando era criança. Influenciaram a minha vida e acção até aos dias de hoje.

Deus tem sido realmente maravilhoso e providente durante os anos, no meio dos desafios e experiências ao longo do caminho. O meu encontro com Cristo mantém-se vivo através da Santa Missa diária. Através deste encontro, vejo Deus a trabalhar na minha vida e em tudo o que faço. Ele esteve sempre presente, a marcar o caminho. No sacramento da reconciliação, encontro a abundância da misericórdia de Deus, ouvindo constantemente Deus chamar-me a segui-l’O tal como sou, apesar das minhas fraquezas e deficiências. Sinto-me sempre bem-vindo na Sua presença.

Como seminarista, a parte mais difícil da minha vocação é o fardo e o stress que pesam sobre mim, resultantes do flagelo do terrorismo sem fim na minha diocese. No meio dos desafios da insegurança e do terrorismo que abalam a Diocese de Maiduguri, sinto a necessidade de encorajar os fiéis e dar-lhes esperança de um futuro melhor com base na nossa fé num Deus que é sempre fiel aos Seus filhos aflitos. Nada que seja bom é fácil. O próprio Cristo cumpriu a Sua missão para a salvação da humanidade através da cruz.

A 4 de Janeiro de 2019, o Seminário Menor de São José, em Shuwa, foi atacado. Eu estava no ano pastoral nesse seminário quando os membros do Boko Haram o invadiram por volta das 18h30, enquanto estávamos na oração da noite com os estudantes. Devido a este súbito e inesperado ataque, tivemos de saltar por cima da vedação e fugir para salvarmos a nossa vida e a dos seminaristas, abrigando-nos no mato durante a noite fria. Alguns anos antes, em 2014, os terroristas tinham destruído o seminário menor noutra ataque: a capela, a reitoria, as salas de aula e os aposentos dos funcionários, que mais tarde foram reconstruídos graças à ajuda da Fundação AIS.

Graças à Providência Divina, em 2019 não se perderam vidas e a escola não foi destruída; o que eles queriam era raptar os estudantes como reféns. Por esta razão, o seminário menor teve de ser transferido para Bazza, porque Shuwa já não era um ambiente seguro e propício. Esta experiência afectou-me a mim e aos estudantes física e emocionalmente, especialmente devido aos ferimentos que sofremos ao tentar fugir, embora tenhamos recebido bons cuidados médicos.

Até hoje, as pessoas na minha diocese não podem viajar livremente na estrada por causa de incidentes descontrolados de rapto de pessoas.



Seminaristas durante as aulas, Nigéria

O número de seminaristas apoiados pela Fundação AIS na Nigéria chega aos 350.

Milhares e milhares continuam a viver na mais absoluta pobreza como refugiados em campos, lutando para sobreviver. Muitas mulheres são viúvas, muitas crianças são órfãs e muitos estão em cativeiro. As pessoas já não podem ir para os seus campos porque as suas vidas estão sempre ameaçadas.

A minha família plantou a semente da minha vocação, consagrando-nos ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. A Sua presença constante motiva-nos a viver a verdadeira vida cristã com simplicidade e humildade. O facto de hoje estar vivo deve-se à fidelidade de Deus para comigo, pelo que estarei sempre grato.

O apelo a ser discípulo e apóstolo implica um ardente sacrifício voluntário e uma resposta dinâmica e sincera. Desejo dedicar a minha vida a Deus porque acredito que o meu ser Lhe pertence. No meu trabalho pastoral, o maior dom que levo aos outros é o dom da Palavra de Deus. A insegurança é uma séria ameaça para a testemunha de Cristo. No entanto, somos sustentados pela nossa fé em Deus como testemunhas vivas e sobreviventes de todas estas experiências.

Conto com as vossas orações pelos seminaristas na Nigéria.



ARGENTINA



© clubbujumburanews

***“Felizes os que
sofrem perseguição
por causa da justiça,
porque deles é o
Reino do Céu.”***

(Mt 5, 10)

**“O chão deste templo foi
ungido com o sangue daqueles
que o mundo não pôde
reconhecer porque não eram
do mundo”**

- Papa Francisco -

A 4 de Julho de 1976, três sacerdotes e dois seminaristas foram mortos a tiro na Igreja de São Patricio, em Buenos Aires. Nesse dia, Rolando Savino chegou à igreja, como fazia todos os Domingos. O jovem de 16 anos era o organista da paróquia dos padres palotinos, uma ordem religiosa fundada por São Vicente Pallotti, dedicada a fomentar o apostolado dos leigos da Igreja. Mas nesse Domingo a igreja estava fechada e tudo estava em silêncio, incluindo os primeiros paroquianos que se aglomeravam fora das portas da igreja.

Pensou que os padres tivessem adormecido. Os três? Estranho. O rapaz trepou por uma janela das traseiras para ir buscar as chaves. Subiu até aos quartos onde os padres viviam. Os corpos dos três sacerdotes e dois seminaristas, Emilio, 23 anos, e Salvador, 22 anos, estavam crivados de balas; este último era espanhol de nascimento, mas tinha vindo para a Argentina quando era criança.

O episódio ficou para a história como “o massacre de São Patricio”. Num período politicamente muito turbulento, após um golpe de Estado na Argentina, houve muitos casos de raptos e desaparecimentos. Durante os seus sermões, os padres palotinos - especialmente o Pe. Alfie Kelly - defendiam a observância dos direitos humanos. Alguns vizinhos tinham-nos avisado para deixarem de pregar a favor dos pobres e contra a injustiça. As “actividades de caridade” dos jovens seminaristas também eram questionadas.

Na sua homilia na Missa celebrada em Buenos Aires, a 4 de Julho de 2001, para assinalar o 25º aniversário do massacre, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio disse: “Esta paróquia foi ungida pelo testemunho daqueles que viveram juntos e juntos morreram. Pelo testemunho daqueles que não queriam viver para si próprios, que queriam ser um grão de trigo e que morreram para que outros pudessem ter vida. Não foi só o altar que foi ungido com azeite quando esta



Formação de 10 seminaristas diocesanos, em 2020, na Argentina.

paróquia foi consagrada. O chão deste templo foi ungido com o sangue daqueles que o mundo não pôde reconhecer porque não eram do mundo”.

“Foram rotulados de todas as maneiras possíveis, os rótulos que o mundo coloca como justificação. Crucifica-o! [...]: o primeiro rótulo que Lhe puseram [a Cristo], e como o puseram a Ele puseram-na a todos aqueles que, ao longo da história, quiseram seguir o Seu caminho. Quando o mundo não quer reconhecer as provas, inventa rótulos.”

“Há pessoas que continuam a ser testemunhas do Evangelho, há pessoas que foram grãos de trigo, que deram as suas vidas e brotaram. Sou testemunha, porque o acompanhei na direcção espiritual e na confissão até à sua morte, de como era a vida de Alfie Kelly. Ele só pensava em Deus. E nomeio-o porque sou testemunha do seu coração, e com ele todos os outros”.

Outros 15 sacerdotes, oito seminaristas, duas religiosas e 39 leigos desapareceram ou foram mortos nessa época na Argentina.

Rezemos para que Deus plante muitas sementes nos corações dos jovens argentinos.

CUBA



“Sim, o SENHOR fez por nós grandes coisas; por isso, exultamos de alegria.”

(Sl125, 3)

Usiel Figueredo é um dos aproximadamente 20 seminaristas que beneficiam da ajuda da Fundação AIS, em Cuba.

Sou estudante no Seminário Arquidiocesano de Santiago de Cuba. Venho de uma família católica não praticante, por isso não fui educado na fé desde criança.

Quando tinha 11 anos, fui convidado a ir à catequese numa pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Caridade, embora todos a conheçam como a comunidade de Agramonte por causa do nome da refinaria de açúcar que fica muito perto. Comecei a ir com todos os rapazes do meu bairro e, passado algum tempo, o único que ficou fui eu. O que eu nunca poderia imaginar era tudo o que Deus tinha preparado para mim. Nessa comunidade fui recebido com grande afecto e pouco a pouco fui cultivando a minha fé de mãos dadas com pessoas que marcaram a minha vida para sempre.

Uma vocação para qualquer estado de vida cristã: quer seja o casamento, o sacerdócio ou a vida religiosa, não é algo que vem do nada, mas é um longo processo de chamamentos insistentes. De uma forma misteriosa, Deus plantou em mim o “bichinho” da vocação.

Nos meus anos pré-universitários, lembro-me que fui convidado várias vezes para algumas reuniões vocacionais, que me pareceram aborrecidas e monótonas. Mas Deus utiliza tudo e, com o tempo, pude ver que Ele aproveitou estas reuniões de alguma forma para abrir em mim a porta para uma vocação sacerdotal.

Posso dizer que aos 20 anos dei o meu primeiro passo sério em relação à vocação, que foi aceitar a proposta de um padre amigo meu para ir viver na paróquia onde ele estava, com o objectivo de entrar no seminário no ano seguinte. Esta experiência deveria durar cerca de 10 meses, mas não resultou como esperávamos e no terceiro mês o meu processo vocacional foi interrompido e eu regresssei a casa.

Após quatro anos, voltei a considerar a possibilidade de entrar no seminário, o que aconteceu com a passagem do ícone e a cruz da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) pela Arquidiocese de Camagüey. Era o momento do “sim”. Foi então que tomei a decisão mais importante de todas: entregar a minha vida completamente a Deus.

Rezem por Cuba e pelos seminaristas do meu país.



NIGÉRIA



“Nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios.”

(1 Cor 1, 23)

VER VÍDEO



<https://youtu.be/p0380IJcyC8>

A formação de Alewa Richard Luka, juntamente com a de aproximadamente 300 seminaristas na Nigéria, é possível graças ao apoio da Fundação AIS.

Alewa Richard Luka é de uma aldeia no estado do Planalto, centro da Nigéria. A sua vida mudou quando Richard anunciou que ia entrar para o seminário. “Alguns pensavam que tinha perdido o juízo; outros pensavam que eu estava possuído; outros pensavam que eu precisava de ajuda. Era como se toda a aldeia estivesse contra mim. Apenas algumas pessoas, para além dos meus familiares mais próximos, me encorajaram. O que mais me custou foi a reacção dos meus amigos. Tinham crescido comigo, só nos separávamos para ir dormir. Mas todos eles me abandonaram.”

Alguns familiares eram protestantes e, apesar de tolerarem a família católica de Richard, ficaram horrorizados com a ideia de ele se tornar um padre celibatário. Sendo o mais velho de seis irmãos, esperava-se que Richard se casasse e tivesse filhos, para cuidar e fazer crescer a família. “A sua principal preocupação era que se eu desse esse passo, haveria uma hipótese de influenciar os meus irmãos mais novos a seguirem-me”, explica Richard. O resultado deste cisma familiar foi dramático. Embora o pai de Richard estivesse a morrer no hospital, que ele descreve afectuosamente como seu confidente e melhor amigo, os membros da família continuavam sem lhe dar apoio, e durante o funeral do pai aumentaram a pressão. “Fizeram-me sentar e disseram: ‘Não vais voltar para o seminário. Vais ficar aqui connosco. Vamos encontrar uma esposa para ti. O teu pai morreu, por isso tens de ficar e cuidar da família, uma vez que és o filho mais velho’”.

Quando perceberam que estava decidido, abandonaram o assunto. Mas apenas durante algum tempo. Quando outro tio morreu voltaram a falar no assunto, também durante o funeral. Esta situação faz Richard sofrer: “Espero e rezo para que um dia eles mudem de ideias. Às vezes não me apetece ir para casa; tenho mais paz no seminário”.

O sacerdócio não é o único tema para o qual Richard deseja abrir mentalidades e corações, pois existe uma incompreensão geral acerca do Catolicismo entre as pessoas da sua aldeia, os Mwaghavul, que na sua maioria frequentam igrejas protestantes ou cristãs independentes. De facto, ele vê isto como parte da sua missão quando for ordenado.

Quero servir com tudo o que Deus me deu, para ser o Seu porta-voz. Quando revi a história do Catolicismo na minha aldeia, percebi que aqueles que aceitaram os missionários católicos no início eram os que tinham sido rejeitados por outras Igrejas, os que tinham duas mulheres e os que bebiam álcool, por exemplo. Uma das razões para querer servir estas pessoas é fazê-las saber que têm uma visão errada da Igreja Católica. É uma Igreja que está aberta a todos. E isso remonta a Cristo, porque quando Cristo veio, não morreu apenas pelos bons, morreu por todos, e essa é a missão da Igreja.

Peço aos benfeitores que não se cansem de nós, mas que continuem, porque se não o fizerem há uma hipótese de amanhã não haver ninguém no seminário.



SÍRIA



***“No mesmo instante,
Jesus falou-lhes,
dizendo:
Tranquilizai-vos!
Sou Eu! Não temais!”***
(Mt 14, 27)

Não há seminaristas na Síria, mas a Fundação AIS apoia dezenas de programas de formação e de catequese através dos quais milhares de jovens podem desenvolver a sua fé e discernir a sua vocação, apesar da terrível situação que o seu país atravessa.

O meu nome é **Michel Kassar**, sou de Alepo, na Síria e tenho 25 anos. Nasci a 11 de Março numa família cristã. O meu pai é sírio-católico e a minha mãe é greco-ortodoxa. Tenho um irmão oito anos mais velho que eu e uma irmã um ano mais velha que eu. Estudei dois anos do curso de química, de quatro anos, na Universidade de Alepo.

Comecei a pensar em tornar-me padre aos 19 anos, durante o meu primeiro ano na universidade. Assisti à ordenação de um padre salesiano e a cerimónia comoveu-me profundamente, especialmente porque foi a primeira vez que assisti a uma ordenação. Durante os dias seguintes perguntei-me constantemente: “Porque não me torno padre?”. Mas, depois, esqueci-me do assunto e ocupei-me dos meus estudos universitários.

Em 2015-2016, a situação em termos económicos e de segurança em Alepo era muito grave, por causa da guerra. Perdi muitos dos meus amigos que fugiram do país. Fiquei em Alepo durante esses tempos difíceis. O que me manteve vivo durante esses tempos foi a esperança e o contacto estreito com o povo na Igreja greco-melquita de São Dimitrios. Embora a igreja estivesse perto do campo de batalha, ouvi sempre uma voz a sussurrar ao meu ouvido: “Não tenhas medo! Continua!” Nunca perdi a esperança de que o amanhã, se Deus quisesse, seria melhor. Essa esperança levou-me a continuar a viver.

Em 2016, comecei a servir na Igreja franciscana Al-Ram, em Alepo. Acolitava na Missa todas as terças-feiras, na Missa dedicada a Santo António Al-Badwani. Em 2017, contactei um amigo seminarista que estava a estudar no Mosteiro Basiliano de Alepo em Beirute, e começámos a falar sobre a vida monástica e o sacerdócio. Consultei também um padre greco-melquita e expliquei-lhe o que pensava sobre o assunto e as minhas intenções. O “chamamento” passou por altos e baixos, uma vez que eu estava a viver entre a minha família e amigos, como sempre. Nessa altura, a vida era complicada: tinha negligenciado os meus estudos, por isso estava a tentar retomá-los; estava num relacionamento, mas, ao mesmo tempo, sentia que Deus me convidava ao sacerdócio. Senti que precisava de trabalhar mais em mim mesmo a nível espiritual para discernir se esse chamamento era adequado para mim.

Em 2018, decidi deixar o país devido às muitas dificuldades. Antes de partir, falei novamente com um sacerdote e disse-lhe que estava a pensar tornar-me padre, mas ainda não me tinha decidido, apenas tinha decidido deixar o país. Sugeriu que tivéssemos várias sessões para falar sobre esta decisão. As sessões foram muito importantes e frutuosas para mim. Depois conheci o Bispo Jean Jeanbart que nos acompanhava e organizava actividades pastorais que deram clareza ao chamamento. Nessa altura, tanto a minha vida universitária como a minha vida amorosa tinham terminado, e eu concentrei-me unicamente na minha vida na igreja. Em 2019, tomei a decisão de ir para um mosteiro para me preparar para o sacerdócio. Decidi ir para França, porque na Síria não há seminário. E aqui estou. Somos três seminaristas da Síria.

Rezem por nós, rezem pelos Cristãos do meu país que precisam tanto de esperança e apoio.



BRASIL



“Disse-lhes: ,Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens.”

(Mt 4, 19)

VER VÍDEO



<https://youtu.be/y7QVyzFJ9YI>

Rolisson Afonso avança nos seus estudos para o sacerdócio, juntamente com cerca de 370 seminaristas, no Brasil, graças à ajuda da Fundação AIS.

O meu nome é **Rolisson Afonso** e estudo no Seminário Maior de São José, em Manaus. Nasci em Manaus, a minha mãe era demasiado nova para tomar conta de mim e tinha dificuldades financeiras, e por isso fui criado pelos meus avós em Santa Isabel do Rio Negro. Os meus avós eram católicos devotos. Mal sabiam ler e escrever, mas todos os dias rezávamos o terço e reflectíamos sobre o Evangelho, e todos os Domingos íamos à Missa.“

Quando tinha 12 anos, deitado numa rede ao lado da sua avó, confidenciou-lhe que gostaria de ser padre. “Eu queria ser padre por causa das vestes e do ritual, fiquei fascinado com isso”, admite.

No entanto, à medida que a notícia se espalhava, começou a ser ridicularizado pelos seus amigos e pôs de lado a ideia. A sua adolescência foi infestada de erros: festas excessivas, abuso de álcool e drogas, e aventuras românticas. Deixou de praticar e pensar muito na fé mas, apesar de tudo, os seus avós permaneceram sempre ao seu lado.

Mudou-se para Manaus para continuar os estudos e viver com a mãe e os irmãos. Paradoxalmente, foi este afastamento dos avós católicos que o trouxe de volta ao caminho da Igreja. “A minha mãe e os meus irmãos são evangélicos. Fizeram-me perguntas sobre a minha fé católica, mas eu não fui capaz de lhes responder. Assim, comecei a procurar uma comunidade de crentes católicos perto da minha casa. Envolvi-me e juntei-me a um grupo de jovens.“

Estudou e acabou por arranjar um emprego, mas o que uma vez tinha confidenciado à sua avó tinha ficado na sua mente e voltou a surgir. Tendo vivido a vida na isolada Amazônia, ele sabe melhor do que ninguém quanto estas comunidades precisam de padres. “Algumas destas comunidades ribeirinhas só são visitadas pelo padre uma vez por ano, ou uma vez por mês. Ele chega, celebra a Missa e depois regressa à cidade. Esta é uma das razões pelas quais quero ser padre, para levar os sacramentos, o Evangelho, a estas pessoas, para os servir nas suas necessidades. Assim como Jesus caminhava pelas margens do Mar da Galileia, chamando os Seus discípulos, que eram pessoas simples, para serem pescadores de homens, Ele também nos chama a nós e as comunidades ribeirinhas para sermos Seus discípulos e proclamarmos o Evangelho.”

O Seminário Maior de São José tem muitos alunos, incluindo membros de várias comunidades indígenas que contribuirão para adaptar a linguagem do Evangelho às suas próprias realidades sociais e culturais.

“Quero agradecer a todos os benfeitores da Fundação AIS por nos ajudarem e pedir-lhes que continuem a fazê-lo, para que possamos ter mais padres para a nossa Amazônia e para o mundo inteiro, para que possamos continuar a levar a Eucaristia e o nosso trabalho pastoral até aos lugares mais remotos.”



R. D. CONGO



“Respondeu-lhe Simão Pedro: ,A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!”

(Jo 6, 68)

VER VÍDEO



<https://youtu.be/vwNGStDnOIU>

Cerca de 600 seminaristas da República Democrática do Congo podem formar-se graças ao apoio proporcionado pela Fundação AIS.

Jean-Claude Barack Abiritseni Fiston nasceu no meio das luxuriantes montanhas verdes que rodeiam o lago Kivu, mas onde o perigo estava sempre presente. O perigo vinha não só de Nyiragongo, um vulcão activo que domina a sua cidade natal de Goma, mas também das milícias assassinas que vagueiam por esta região da República Democrática do Congo, uma terra abençoada com uma riqueza de recursos naturais mas atormentada por conflitos aparentemente intermináveis que levaram a uma pobreza generalizada.

Jean-Claude tem boas recordações da sua infância com a sua irmã e oito irmãos. A sua mãe fazia pequenos negócios e o seu pai trabalhava no Ministério da Saúde. “Estávamos rodeados de grande pobreza, por isso, em comparação, embora não vivêssemos em opulência, a nossa situação parecia muito confortável”, recorda-se ele.

“Nasci numa família católica praticante e fui baptizado aos 5 anos.” Os padres missionários que serviam a sua comunidade marcaram-no muito e, logo que pôde, começou a acolitar na Missa.

Os seus pais fizeram grandes sacrifícios para criar os filhos; Jean-Claude observa que todos eles ainda estão vivos, o que apenas sublinha o tipo de mundo em que vivem: “Chamo-lhes heróis por causa do que nos deram e dos sacrifícios que fizeram para que tivéssemos comida suficiente, educação suficiente e tudo o que precisávamos na nossa família.”

“Quando já me tinha inscrito na universidade para estudar medicina, recebi a carta de admissão ao seminário. Não sabia o que fazer. Antes da carta chegar era claro para mim, mas quando a carta chegou, tudo mudou e comecei a perguntar-me o que deveria fazer”. Entre o desejo de servir a sua comunidade com uma bata de médico ou uma batina, este último prevaleceu. Como padre, pensava, poderia levar mais do que apenas medicamentos àqueles que precisavam de ajuda. “Eu queria estar pronto a servir Cristo anunciando a Boa Nova, o Evangelho que leva alegria, especialmente num ambiente onde muitas pessoas sofrem e nem sequer têm as suas necessidades básicas satisfeitas. Mas também a esperança. Serei um padre para levar consolo àqueles que sofrem, para ministrar os sacramentos e para anunciar a esperança àqueles que perderam tudo. Esse é o meu principal objectivo. “Como é maravilhoso poder levar almas a Deus e anunciar os milagres d’Aquele que nos criou”. Foi a melhor decisão que alguma vez tomei”, diz ele.

“Precisamos da ajuda dos nossos benfeitores. Sem ela, enfrentamos sérias dificuldades para terminar cada ano académico e a nossa formação. Assim, estamos muito gratos aos nossos benfeitores e à Fundação AIS pelo que já estão a fazer, e esperamos que continuem a apoiar-nos, os futuros sacerdotes, para a maior glória de Deus.”



INDONÉSIA



“E ninguém tome esta honra para si mesmo, mas somente quem é chamado por Deus, tal como Aarão.”

(Heb 5, 4)

Sou **Andres Evaldo** do Seminário Interdiocesano São Pedro Ritapiret, nas Flores, Indonésia. Quero falar-vos do nosso seminário. Aqui os jovens vêm de origens completamente diferentes: famílias, culturas, línguas... mas todos temos o mesmo sonho: tornarmo-nos pastores do rebanho de Deus. As diferenças tornam-se a principal força da comunidade. Juntos crescemos e juntos esforçamo-nos por ter um coração sacerdotal cheio do Espírito Santo para seguir o caminho que Jesus nos mostra.

Flores é uma das três principais ilhas da Província de Nusa Tenggara Oriental, na Indonésia. O nome deriva da palavra portuguesa flores, porque os marinheiros portugueses visitaram a ilha no séc. XVI. Com eles vieram os Dominicanos e os Jesuítas no séc. XVII, substituídos pelos Missionários da Sociedade do Verbo Divino (SVD) no início do séc. XX. O Catolicismo tornou-se a principal religião da população e tem desempenhado um papel importante nas suas vidas. Na festa da Natividade da Virgem Maria, em 1955, o Seminário Maior Interdiocesano de São Pedro foi oficialmente estabelecido como instituição para a formação de sacerdotes locais em Ritapiret, uma pequena aldeia em Nita, Maumere.

No seminário recebemos formação humana, espiritual, intelectual e pastoral. O principal objectivo é preparar os nossos corações para dar testemunho do Reino de Deus. As etapas dos estudos filosóficos e teológicos têm lugar na Escola Católica de Filosofia, em Ledalero, um instituto de cursos filosóficos e teológicos fundado por padres verbitas. O instituto está localizado a cerca de 2 km do seminário, por isso todos os dias duas camionetas levam-nos à escola.

Somos seminaristas de cinco dioceses: Arquidiocese de Ende, Diocese de Denpasar, Diocese de Ruteng, Diocese de Maumere e Diocese de Larantuka. Temos situações culturais, linguísticas e sociais únicas, por vezes difíceis de conciliar. No entanto, vir de origens diferentes não é um problema para nós.

O meu colega Tevin Lory é um dos seminaristas da Arquidiocese de Ende. Ele vem de Mbay, uma aldeia na costa norte das Flores e estuda Filosofia há dois anos. Para ele, o seminário é a sua segunda casa, um lugar onde encontra conforto e segurança para o seu caminho em direcção ao sacerdócio. “Os meus amigos são os novos irmãos na minha vida”, diz ele. Outros seminaristas sentem o mesmo.

Elias Nosafrin Darnabi Amut entrou no seminário em 2013. Ele vê como a Igreja enfrenta dificuldades no exercício do ministério devido ao número insuficiente de sacerdotes ao serviço dos fiéis. Vem da Diocese de Ruteng e foi agora designado para ser líder dos seminaristas. Elias está muito grato por ver como a Igreja



O Seminário Maior Interdiocesano de São Pedro, em Ritapiret, Flores, está a ser restaurado com a ajuda da Fundação AIS.

poderá continuar o seu trabalho devido ao número crescente de seminaristas na Indonésia.

Mas o número absoluto de seminaristas também coloca outro problema: o desequilíbrio entre as necessidades crescentes e a escassez de recursos. A situação é agravada pelo mau estado dos edifícios que foram construídos nos anos 60. Devido à falta de recursos financeiros locais, não podemos renovar os edifícios antigos ou ampliar a sua capacidade. Mas as más condições ajudam-nos a crescer em criatividade.

Em Outubro de 1989, o Papa São João Paulo II passou uma noite no seminário durante a sua visita à Indonésia. A sala onde ele dormia tornou-se agora um lugar onde muitos peregrinos vêm rezar. O Cardeal Tomko, que acompanhou o Papa, disse: “Há muitos seminaristas. Estou impressionado. Mas temos de nos lembrar sempre que o caminho vocacional é de Deus. Apenas fazemos o nosso melhor para ajudar a responder ao Seu chamamento, dependendo das circunstâncias contemporâneas.” Graças à generosidade dos benfeitores o seminário pode continuar. Os seminaristas fazem uma oração especial pelos benfeitores na Missas diária.

Rezem também por nós.



EUA



© clubbujumburanews

“Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos”

(Jo 15, 13)

“Entregou a sua vida para ser padre, mas antes de o poder fazer, deu a vida por alguém”

Brian Bergkamp, um seminarista do Kansas, nos Estados Unidos, afogou-se em Julho de 2016 após salvar uma mulher no rio Arkansas. Bergkamp tinha 24 anos e tinha acabado de terminar o segundo ano de seminário. O seminarista andava de caiaque com quatro amigos no rio Arkansas quando entraram em águas turbulentas e uma mulher caiu da sua canoa. Bergkamp mergulhou para resgatar a mulher e conseguiu ajudá-la a ficar a salvo, mas foi depois arrastado pela corrente.

“Embora os esforços de Brian tenham tido êxito em salvar a mulher, as águas cobriram-no e arrastaram-no para longe. Cerca de duas semanas depois, o seu corpo foi encontrado. Ao longo da sua vida, e especialmente nessa altura, ele foi um verdadeiro amigo de Jesus. Tal como o Senhor, Brian deu a sua vida pelo próximo. Ele pôs em prática a Palavra de Deus e não foi apenas um ouvinte”, escreveu o Pe. Brendan Moss, reitor do Seminário Concepción (Missouri), onde Brian fez os seus primeiros estudos teológicos.

O colega seminarista Jimmy descreveu Bergkamp como profundamente leal e generoso. “Nunca pensava em si próprio, procurando sempre fazer algo pelos outros. Entregou a sua vida para ser padre, mas antes de o poder fazer, deu a vida por alguém. Ele foi verdadeiramente uma inspiração para nós no seminário e um homem que foi um exemplo a seguir”. O Bispo Wichita Carl Kemme disse no seu funeral: “Ele pode não ter sido padre, mas viveu e morreu como tal. Brian, juntamente com outros seminaristas, estava a ajudar como voluntário durante o Verão no *Lord’s Diner*, uma sopa dos pobres que alimenta cerca de 2.500 pessoas por dia.

Antes de despedir-se das férias, Bergkamp disse aos seus amigos universitários: “A minha vida é simplesmente uma curta viagem para o reino eterno de Deus. O meu tempo aqui na terra é curto, e devo fazer o melhor que posso.”

Rezemos para que mais jovens nos EUA abram o seu coração ao convite amoroso de Deus.

VENEZUELA



***“Bendito seja
o Senhor, meu
rochedo, que
adestra as minhas
mãos para a luta e
os meus dedos para
o combate!”***

(Sl144, 1)

José Gregorio Romero é estudante no Seminário de São Pedro, na Diocese de La Guaira, Venezuela, um país que vive uma situação muito difícil e com grandes desafios marcados por uma gigantesca crise económica, política e social.

José Gregorio era apaixonado pela política. “Parecia-me a forma mais elevada de exercer a caridade, porque significa pensar nos outros, pensar nos necessitados e procurar todas as formas necessárias para os ajudar”, explica o jovem de 24 anos. Essa paixão levou-o a seguir Relações Internacionais, em Caracas, que terminou com a distinção *Magna Cum Laude*. Começou imediatamente a trabalhar no Gabinete de Relações Internacionais do Instituto Nacional de Náutica Civil. “Eu estava a fazer o que gostava, estava feliz... mas sentia que faltava mais alguma coisa.” Vindo de uma família de profundos valores cristãos, decidiu tomar outro caminho: o sacerdócio.

“Durante os meus estudos, aprendi o valor da paz. O internacionalista trabalha pela paz, é o homem da negociação que, perante os interesses particulares dos Estados, com diferenças e disputas, quer procurar a cooperação e uma solução pacífica. O homem é chamado a viver em paz. Mas há tanto ruído lá fora que o homem precisa de uma paz que só Deus pode dar. E eu quero trabalhar para que o homem viva em paz, em paz com os seus irmãos e em paz, antes de mais, com Deus. Sinto que o mundo precisa de muito amor, precisa de esperança. O mundo perdeu o seu sentido. Não pode encontrar-se a si próprio porque se esqueceu de Deus.”

“Quero servir o povo com alegria onde quer que a Igreja precise de mim. Peço ao Senhor que me dê a coragem e a força para poder responder-Lhe com um “sim” e colocar-me ao Seu serviço. Seja na paróquia ou nas diferentes actividades e missões que a Igreja tem.”

“Neste momento, nós, Venezuelanos, enfrentamos grandes problemas em termos de necessidades básicas, tais como alimentação, transporte, cuidados de saúde, etc. Mas isso não nos rouba a alegria, nem nos rouba o sonho de construir e ter um país melhor. Os jovens venezuelanos sabem como se levantar e construir algo bom, algo belo e algo melhor face às adversidades. Nós, os jovens, tanto aqueles que tiveram de partir, que são milhares, mas também aqueles que decidiram ficar na Venezuela, somos corajosos e lutadores.”

“Ministrar os sacramentos é a coisa mais maravilhosa que se pode fazer nesta terra, porque é comunicar a graça de Deus, é



O seminarista José Gregorio a jogar futebol com os rapazes do bairro.

Aproximadamente
70 seminaristas
avançam na sua
formação para
o sacerdócio
graças ao apoio da
Fundação AIS.

alimentar o ser humano com a Sua Palavra e com o Seu Corpo, com o Seu Sangue. É o perdão dos pecados. É o consolo dos doentes. É demonstrar ao homem com sinais sensíveis que Deus está próximo, que Deus não nos abandona, que Deus, apesar das nossas infidelidades e das nossas fraquezas, está sempre presente”.

“Sem o apoio dos benfeitores, a nossa vocação estaria em perigo. O seminário poderia ter de encerrar as suas portas porque não teríamos o suficiente para sobreviver. Obrigado pelo vosso apoio e pelas vossas orações.”

VER VÍDEO



<https://youtu.be/dTe0NiRJDCw>



LÍBANO



“Mas o Senhor replicou-me: «Não digas: ‘Sou um jovem’. Pois irás aonde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar.”

(Jr 1, 6-7)

VER VÍDEO



<https://youtu.be/tDxVMANOLXM>

A Eparquia maronita de Baalbek - Deir El Ahmar, em Beqaa, recebe o apoio da Fundação AIS para a formação de 8 seminaristas.

Elie Abu Younes cresceu numa aldeia maioritariamente cristã no belo vale de Beqaa, no Líbano. As suas memórias de infância são muito felizes, num ambiente familiar cheio de amor e uma vida centrada na Igreja. “Cresci numa família comprometida com o Cristianismo e a Igreja, especialmente com a liturgia divina”.

Os pais encorajaram-no a juntar-se a grupos de jovens cristãos e ele viveu uma vida de fé intensa até à universidade em Beirute, onde estudou optometria. Aí, uma nova paixão cresceu dentro dele. “No início, não sabia muito sobre esta profissão, mas durante os meus estudos apaixonei-me por ela. Depois da universidade, trabalhei durante três anos. Embora tenha sido um êxito e eu gostar muito de trabalhar, havia sempre um espaço vazio no meu coração e nada o podia preencher. Faltava alguma coisa.

Poderia ser um chamamento ao sacerdócio? A ideia passou-lhe pela cabeça, mas assustou-o de tal maneira que reagiu negativamente. “Fugi, durante dois ou três anos fugi do Senhor.” Elie deixou de ir à igreja e até de rezar. “Durante esses anos de fuga tentei alcançar a minha felicidade de todas as formas possíveis, mas nada funcionou. O vazio dentro de mim cresceu cada vez mais”. No entanto, Deus provou ser mais persistente do que Elie.

Quando a pandemia chegou, Elie teve de abandonar o seu emprego e regressar a casa dos pais. “Estava a ver um filme sobre o Papa Francisco e sobre a renúncia do Papa Bento XVI e um sentimento estranho surgiu dentro de mim. Então, fui falar com um sacerdote e ele encorajou-me a ir para o seminário. Lembrei-me de como tinha sido feliz na minha infância e adolescência, quando estava perto de Jesus. Eu era então uma pessoa completa. Isto fez-me pensar, porque não volto para caminhar com Jesus, para ver o que Ele quer? Talvez possa ser feliz com Ele. Não há felicidade sem o Senhor. Disse-lhe: “Seja feita a Tua vontade, não a minha. A partir de agora, a minha vontade é a Tua.”

O sentimento de realização e de ter voltado a encontrar o seu caminho não fez desaparecer todos os problemas e, infelizmente, o Líbano está actualmente cheio deles. A inflação galopante, os poucos empregos e os conflitos políticos dificultaram muito a vida de todos os Libaneses. Encher o depósito de gasolina de um automóvel, por exemplo, custa cerca de meio mês de salário - se se tiver a sorte de ter um emprego - e entre a renda da casa e o combustível, pouco sobra.

“A pobreza levou muitos cristãos a fugir do Líbano, mas aqueles que permanecem na terra dos seus antepassados precisam de apoio espiritual. As pessoas precisam que o padre fique ao seu lado, para as ajudar a perseverar nesta terra. Se o padre estiver ao lado do seu povo, a Igreja permanecerá no Líbano.

Com esta situação económica, os nossos pais não podem ajudar, por isso precisamos do vosso apoio e das vossas orações.”

Rezem pelos seminaristas no Líbano nestes tempos difíceis.

SUDÃO DO SUL



“Os que conhecem o teu nome, Senhor, confiam em ti, pois nunca abandonaste quem te procura.”

(Sl10, 12)

A Fundação AIS apoiou recentemente a reconstrução do Seminário Maior de São Paulo, em Cartum, Sudão, bem como a construção de uma biblioteca e de um novo dormitório no Seminário Maior de São Mbaaga, no Uganda.

Tombe tinha sete anos quando o pai lhe disse e ao resto da família que já não estavam seguros em casa e tinham de fugir. Após quase duas semanas a pé através da floresta, chegaram à República Centro-Africana. Aí, a família de Tombe chegou ao campo de refugiados de Mboki. “Nessa altura vivíamos muito perto da escola católica e da igreja. Jogávamos futebol naquele recinto. Vi o trabalho que os padres estavam a fazer, incluindo o actual Bispo de Tombura-Yambio, D. Eduardo Kussala, e pensei: quero ser um deles.”

Tombe escreveu uma carta expressando o seu desejo de entrar no seminário e tornar-se padre. Mas nunca tinha tido a possibilidade de visitar uma escola formal. Quando tinha 15 anos, foi aceite na escola católica. Após três anos de escola no campo de refugiados, foi enviado para o Uganda para aí frequentar a escola secundária.

“Lembro-me bem desse momento: éramos um grupo de rapazes, caminhámos, caminhámos todos juntos até à fronteira, e aí fomos acolhidos por outro sacerdote. Mais tarde, para continuar a minha educação, tive de ir para Cartum, Sudão. O Sudão e o Sudão do Sul separaram-se em 2003, mas a Igreja continua a ter apenas uma conferência episcopal. Para Tombe era novamente tudo diferente, depois da sua aldeia natal no Sudão do Sul, do campo de refugiados na República Centro-Africana, do internato no Uganda, agora estava a mudar-se para um ambiente muçulmano.

“Aprendemos muito com esta experiência. Aí estudei Filosofia. Mas para estudar Teologia tive de regressar ao Uganda. Agora acabei de voltar ao Sudão do Sul e em dois dias serei ordenado diácono. Foi um caminho muito longo. Há momentos de sofrimento, de lutas, mas com a ajuda de Deus vim para cá para O servir e ao povo do meu país.”

Esta tem sido a peregrinação de Tombe, nascido no Sudão do Sul, refugiado na República Centro-Africana, que lutou pela sua formação como seminarista no Uganda e no Sudão, para servir o seu povo no Sudão do Sul. A Igreja ainda é frágil num país tão jovem como o Sudão do Sul, que viveu uma longa guerra e muitos conflitos étnicos: há poucos sacerdotes e religiosas. É por isso que cada um deles é um tesouro para os fiéis. Muitos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão nos campos de refugiados. Tal como Tombe, muitos percorreram um longo caminho na sua formação sacerdotal, viveram durante anos em extrema pobreza, fugindo de um país para o outro ou sofrendo os conflitos armados na sua própria terra. Esta é a Igreja sofredora do Sudão do Sul. Cada seminarista é uma semente de esperança.

Rezem pelos seminaristas do Sudão do Sul, para que tenham coragem e perseverança.

BURQUINA FASSO



“Serão levados ao colo, e acariciados sobre os seus regaços. Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei”.

(Is 66, 12-13)

No Burkina Fasso, cerca de 200 seminaristas recebem o apoio da Fundação AIS

O meu nome é **Belém Constantino**, estudo Teologia no Seminário Maior de São João. Os meus pais foram catequistas e agentes pastorais durante muitos anos, e quando se reformaram regressaram à sua aldeia natal, Souria, onde praticavam a agricultura e continuavam a testemunhar a sua fé.

O massacre de cristãos e dos nossos líderes de aldeia por terroristas levou-nos a fugir da nossa aldeia; fomos primeiro para a cidade de Kongoussi, abandonando as nossas cabras e porcos, as nossas provisões e tudo o que tínhamos em Souria.

Perante a sobrelotação desta cidade devido aos muitos refugiados e à impossibilidade de matricular os meus irmãos mais novos na escola secundária, os meus pais mudaram-se para Boulonga para poderem ter trabalho e salvar assim a escolaridade dos filhos.

Voltei ao Seminário Maior de Ouagadougou para continuar os meus estudos, mas sendo o mais velho dos irmãos, estava muito preocupado com a situação deles. Nunca me ocorreu desistir do meu compromisso de seguir Cristo, mas as preocupações da vida tornavam a minha presença no seminário dolorosa. Foi então que chegou a ajuda da Fundação AIS. Graças a esta ajuda, consegui ter uma bolsa de estudos durante o ano.

Aproveito as férias para preparar as crianças das famílias deslocadas de Boulonga para receberem os sacramentos e para lavar o nosso pequeno campo de painço.

Cada um de nós, num momento ou noutro da sua vida, experimenta o sofrimento. Especialmente no contexto de insegurança em que vivemos, estamos imersos no sofrimento quotidiano. A violência terrorista continua a multiplicar-se, massacres sumários de populações inocentes ocorrem aqui e ali. Muitas pessoas são obrigadas a fugir das suas terras, os nossos lugares de culto são saqueados e profanados, agentes pastorais e fiéis cristãos são raptados ou executados, a insegurança paira sobre o nosso país e os nossos corações estão mergulhados no medo.

Porquê todo este sofrimento? O que fizemos para merecer estes infortúnios? Na cruz, Cristo também gritou: “Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?” Cristo na cruz é o Deus que está presente nos nossos sofrimentos, que sofre connosco e por nós. Ele é o Deus que sofre com os nossos sofrimentos, chora com as nossas lágrimas, morre com a nossa morte. Confiemos-lhe as nossas lágrimas, Ele saberá enxugá-las, saberá escutá-las. Que as Suas chagas e o Seu sofrimento nos fortaleçam na perseverança da fé e nos dêem a graça da paz. Amen!

Rezemos por todos aqueles que estão em formação para curar as feridas do seu povo, especialmente as da alma e do espírito, para que possam ser uma fonte de consolo e de fortaleza para os seus fiéis. Rezem pelo Burkina Fasso.



ALBÂNIA



“Aquele que conservar a vida para si, há-de perdê-la; aquele que perder a sua vida por causa de mim, há-de salvá-la.”

(Mt 10, 39)

Kristian Guri é um dos mais de 20 seminaristas que recebem apoio da Fundação AIS para a sua formação sacerdotal.

Sou **Kristian Guri**, seminarista do Seminário Missionário Diocesano “Redemptoris Mater”, em Lezhë (Albânia). Estou no terceiro ano de Teologia na Faculdade de Filosofia e Teologia “Mãe do Bom Conselho”, em Shkodra. Tenho 22 anos e sou albanês.

Nasci em Guri i Zi, uma pequena aldeia em Shkodra, norte da Albânia. Sou o segundo de quatro filhos. Quando era criança custava-me abrir-me e falar com os outros, especialmente com o meu pai, porque ele tinha um carácter forte. Eu queria parecer um “bom rapaz” aos seus olhos e esforçava-me muito para isso.

O Senhor entrou na minha vida quando eu tinha 14 anos e comecei a catequese do Caminho Neocatecumenal na minha paróquia. Foi um grande encontro com o Senhor. Pela primeira vez ouvi esse anúncio da fé e pela primeira vez senti que Deus me ama como sou, com os meus problemas e pecados. No início não compreendia muito, no entanto, continuei a ir à catequese porque era uma forma de sair de casa, de ter alguma distância do meu pai, com quem a minha relação naquela altura era muito difícil.

Aconteceu que após um ano os meus pais também começaram este caminho de fé que nos leva a redescobrir as riquezas do Baptismo através da iniciação cristã. Assim, o Senhor quis que eu estivesse no mesmo grupo neocatecumenal com o meu pai, o que no início me fez sofrer, mas depois vi que o Senhor me tinha aberto um caminho para me reconciliar com ele. O Senhor inspirou-me durante um retiro com uma citação de Mateus 10,39: ‘Aquele que conservar a vida para si, há-de perdê-la; aquele que perder a sua vida por causa de mim, há-de salvá-la.’ Graças a este versículo, compreendi que para ser cristão é preciso ‘morrer’. Após três anos de discernimento com os meus catequistas e as inspirações que recebi do Senhor durante a peregrinação do Dia Mundial da Juventude em Cracóvia, em 2016, decidi entrar no seminário.

Depois de terminar a escola tive uma luta interior muito forte para dar este passo, porque vi que a minha vida iria mudar completamente: estava a desistir dos meus estudos, da vida que planeava ter, constituir uma família... Recusei uma bolsa de estudo para estudar Física. Observei que o Senhor, graças aos meus catequistas, manifestava o Seu amor, deixando-me livre para escolher a minha vida, algo que eu nunca tinha experimentado antes. Com total liberdade, decidi entrar no seminário e deixar tudo (estudos, família, namorada, etc.) por amor à evangelização.

No seminário, vi que o Senhor me apoiou e continua a apoiar, mesmo que por vezes me sinta fraco. Durante estes cinco anos de seminário, o Senhor deu-me a possibilidade, graças aos meus catequistas e à minha comunidade, de me reconciliar com o meu pai e com a minha história. Vejo que é belo dar a minha vida por Jesus Cristo porque experimentei uma imensa alegria, uma liberdade que antes nunca tinha sentido na minha vida. É verdadeiramente belo dizer ao Senhor: “Aqui estou: faça-se em mim segundo a Tua palavra!”

Peço-vos que rezem por mim.

CAZAQUISTÃO



“Invoquei o Senhor com toda a confiança; Ele inclinou-se para mim e ouviu o meu clamor.”

(Sl 40, 1)

Os candidatos ao sacerdócio do Seminário Maria Mãe da Igreja, em Karaganda, podem terminar os seus estudos graças à ajuda que recebem da Fundação AIS.

O meu nome é **Pavel Kravchenko** e tenho 28 anos. Sou seminarista do primeiro curso propedêutico no Seminário Teológico Superior “Maria Mãe da Igreja”, na cidade de Karaganda, Cazaquistão.

Nasci numa aldeia remota no norte do Cazaquistão, onde vivem cerca de 300 pessoas. Ao nascer, fui baptizado pela minha avó católica, que tinha sido exilada da região do Volga para a Sibéria durante os anos da guerra.

Felizmente, o meu pai, que é ortodoxo, não se importou que eu frequentasse a Igreja Católica. Desde os meus 8 anos que tentei ir à igreja católica, mas lamentavelmente era muito difícil fazê-lo regularmente porque a igreja ficava a 30 km da nossa aldeia. Por sorte, mais tarde foi construída na nossa aldeia uma pequena casa de oração, onde fiz a minha Primeira Comunhão aos 11 anos. O meu caminho na vida estava firmemente ligado à vida da Igreja.

Mas Deus não revelou imediatamente o meu chamamento ao sacerdócio. Depois de terminar o liceu, fui para a universidade para estudar gestão agrícola e produção animal. Desenvolvi um forte interesse pela língua alemã ainda na faculdade e, depois de ter concluído a minha licenciatura na especialidade, regresssei à Alemanha durante um ano sabático, como parte de um programa ambiental. Durante todo o ano esforcei-me por ficar na Alemanha, mas a Providência Divina trouxe-me sempre de volta ao Cazaquistão, mesmo depois de ter regressado à Alemanha pela segunda vez como professor.

Em toda essa fase, senti estava a perder a minha verdadeira vocação e faltava-me um lugar onde desenvolver os meus talentos e fazer algo que valesse a pena. Depois de muito tempo e oração, decidi entregar-me completamente à vontade de Deus, e assim cheguei ao seminário.

Não me arrependo porque senti o amor e os cuidados constantes do nosso Pai do Céu.

Rezem por mim e por todos os seminaristas em Karaganda.



POLÓNIA



“Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso.”

(Rm 8, 38-39)

“Não foi a morte que lhe tirou a vida, foi ele que a entregou livremente por amor a Cristo e aos pobres”

Após um diagnóstico de cancro terminal, o **Pe. Michal Łos**, faleceu a 17 de Junho de 2019. Foi padre apenas durante 25 dias. “Cremos que já se encontrou com Cristo Ressuscitado, a quem tão ardentemente desejava servir como sacerdote. Obrigado por todas as vossas orações e apoio”, os Padres Orionitas, ou Congregação dos Filhos da Divina Providência, aos quais Michal pertencia, escreveram após a sua morte.

Michal era de Dąbrowa Tarnowska, uma aldeia no sul da Polónia. Estava a estudar no seminário quando os médicos lhe diagnosticaram um cancro avançado. Percebendo a seriedade do diagnóstico, Michal pensou que nunca poderia ser ordenado e celebrar a Eucaristia.

Mas os seus superiores religiosos obtiveram permissão e dispensa especial do Papa Francisco para permitir que Michal fosse ordenado diácono e sacerdote. O Bispo Marek Solarczyk, da Diocese de Varsóvia-Praga, ordenou Michal numa cama na ala de oncologia do hospital militar de Varsóvia (Polónia) a 24 de Maio. Também estiveram presentes os pais de Michal, a sua irmã e outros religiosos



Um sacerdote católico do rito arménio com o pároco de Ude, Pe. Andrzej Graczyk, da Polónia, perto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Akhaltsikhe

polacos da congregação. Na véspera da sua ordenação sacerdotal, fez os votos perpétuos com a Congregação dos Padres Orionitas.

A 25 de Maio, através de um vídeo publicado no Facebook, o novo sacerdote, Pe. Michal, agradeceu a todas as pessoas que rezaram por ele, pediu mais orações e deu a sua bênção fazendo o sinal da cruz: “Louvado seja Jesus Cristo, obrigado a todos pelas vossas orações e espero que continuem a fazê-lo. Abençoo-vos a todos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.”

“Nada me separará do amor de Cristo”, afirmou durante a celebração da sua primeira missa, na sua cama de hospital, no dia seguinte. Até o presidente da Polónia, Andrzej Sebastian Duda, o visitou no hospital e pediu a sua bênção.

Após 23 dias como padre, o Pe. Michał Łos regressou a casa do Pai. No site oficial da Ordem dos Padres Orionitas, o Pe. Tarcisio Vieira, director-geral, escreveu: “A notícia, sabíamos que chegaria, mas deixa-nos igualmente tristes. No entanto, sabemos que não foi a morte que lhe tirou a vida, foi ele que a entregou livremente por amor a Cristo e aos pobres. A sua mensagem e testemunho ensinaram-nos algo e faremos o nosso melhor para que não se percam. Agradecemos ao Senhor por nos ter dado este testemunho de grande fé e amor.”

Fonte: Aciprensa, ChurchPOP, Epic, Parafia Rzymskokatolicka Świętego Alojzego Orione

Rezemos para que os jovens da Polónia se deixem tocar e transformar pelo amor de Deus, que através deles quer continuar a fazer maravilhas.



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

fundacao-ais.pt